

A theatrical performance is taking place on a sandy beach under a bright blue sky with scattered white clouds. A group of approximately 15 performers, both men and women, are dressed in white, minimalist costumes that resemble traditional or indigenous attire, featuring intricate beaded or woven patterns. They are positioned under a large, white, draped canopy that is suspended by ropes. Some performers are standing, while others are sitting or lying on a blue mat on the sand. The scene is lit with bright, natural light, creating strong shadows on the sand. The overall atmosphere is one of a staged, outdoor theatrical event.

Selma Maria dos Santos

NARRATIVAS DE MEMÓRIA
História de Vida de uma Mulher e seu
Encontro com o Fazer Teatral



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
LICENCIATURA EM TEATRO

SELMA MARIA DOS SANTOS

NARRATIVAS DE MEMÓRIA

História de Vida de uma Mulher e seu Encontro com o Fazer Teatral

BELÉM-PA

2018

SELMA MARIA DOS SANTOS

NARRATIVAS DE MEMÓRIA

História de Vida de uma Mulher e seu Encontro com o Fazer Teatral

**Monografia de Conclusão de Curso apresentada
à Universidade Federal do Pará, como requisito
parcial para a obtenção do Grau de Licenciada
em Teatro, sob a orientação do Professor M.Sc.
Paulo Roberto Santana Furtado.**

BELÉM-PA

2018

SELMA MARIA DOS SANTOS

NARRATIVAS DE MEMÓRIA

História de Vida de uma Mulher e seu Encontro com o Fazer Teatral

Esta monografia foi julgada adequada para a obtenção do título de “Licenciado em Teatro”, e aprovada na sua forma final pela Universidade Federal do Pará.

Aprovada em: ____/____/____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida – UFPA
Avaliador – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

Profa. M.Sc. Adriana Maria Cruz dos Santos – UFPA
Avaliador – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

Prof. M.Sc. Paulo Roberto Santana Furtado
Orientador – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

BELÉM-PA

2018

Dedico:

A Deus: Por me permitir sonhar o possível.

Em memória: Aos meus Pais, começo dos meus sonhos:

Joaquim Ferreira dos Santos e Ademita Nair dos Santos.

Aos meus Netos estimuladores:

Rebeca, Cristine, Fernanda e Asafe.

Aos meus Filhos pacientes:

Alexandre, Átila e Amanda.

Aos Amigos Professores incentivadores:

Bruce Macêdo, Adriana Cruz, Ivone Xavier e Aníbal Pacha.

Aos Professores Amigos entusiásticos:

Paulo Santana e Olinda Charone.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus por eu existir, poder realizar sonhos e continuar sonhando. Nesses quatro anos de dedicação, persistência e luta em busca da realização de mais um sonho, sou muito grata aos meus filhos: Alexandre, Átila e Amanda por compreenderem minha ausência em alguns momentos de celebração. Grata aos meus irmãos e aos amigos, certamente enviados por Deus, como anjos a me ajudar nas horas de sufoco. Eternamente agradecida aos meus netinhos: Rebeca, Cristine, Fernanda e Asafe por serem os estímulos constantes da minha existência. E o meu muito agradecida a todos os Professores que me acompanharam nesta Trajetória, em especial ao Mestre Paulo Santana por acreditar e abraçar comigo esta causa.

RESUMO

Este trabalho é focado na Minha História de Vida, Narrativas de Memória em que debruço sobre mim para contar Minha Trajetória em busca de um Sonho que desde criança acalento, que é poder Fazer e Estudar Arte. O encontro com o Grupo de Teatro Universitário (GTU), como esse me perpassou e foi essencial para a minha construção Artística e formação de Professora de Teatro. O objetivo principal é mostrar Minha Trajetória na busca da concretização desse Sonho e especificamente enquanto discente analisar e confrontar a importância do estudo acadêmico para a formação do conhecimento do Artista e Professor de Teatro, o que aqui poderei realizar fazendo esta análise com minha própria experiência entre o Fazer e o Conhecer e essencialmente exprimir Arte, através de indícios pessoais identificando as ações e o contato de novas pessoas num diálogo com o GTU.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. História de Vida. Sonho. Teatro. Formação de Professora.

ABSTRACT

This work is focalized in My History of Life, Narratives of Memories in the lean over myself for to count My Trajectory in the search of the a Dream that since child I wish that is to can Make and to Study Art. The meeting with the University Group of Theater (GTU), this is me trespassed and was essential for my Artistic construction and formation of the Teacher of Theater. The main objective is to show My Trajectory in the search of the realization of this Dream and specifically as a student analysis and to confront the importance of the academic study for the formation of learn to the Artist and Teacher of Theater, of this here to going can to accomplish doing this analyses with myself experience between the Make and to Learn and essentially to express Art, through of the personal vestiges identifying the actions and the contact of new people in the dialogue with the GTU.

KEYWORDS: Memories. History of Life. Dream. Theater. Formation of the Teacher.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	8
I ATO – O COMEÇO	14
I Cena – Onde Tudo Começou	15
II Cena – Memórias de Infância	17
III Cena – A Minha Arte de Viver.....	19
IV Cena – Memórias de Adulta.....	29
II ATO – ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA	33
I Cena – O Encontro com o Grupo de Teatro Universitário (GTU).....	34
II Cena – Vida como Obra de Arte – O Aprendizado no GTU	38
III Cena – As Vivências no GTU	49
III ATO – O FAZER TEATRAL	55
I Cena – O Processo Seletivo Vestibular 2013.....	56
II Cena – O Fazer Teatral e a Formação Acadêmica	60
EPÍLOGO	68
REFERÊNCIAS	77

PRÓLOGO

PRÓLOGO

NARRATIVAS DE MEMÓRIA

História de Vida de uma Mulher e seu Encontro com o Fazer Teatral

Este trabalho sou Eu, é a Minha História de Vida, Narrativas de Memória de Minha Trajetória, o Meu Encontro com a Arte através do Grupo de Teatro Universitário (GTU) e como essa experiência contribuiu na minha construção de Atriz e na formação de Professora de Teatro.

O recomeçar da vida em busca de um sonho, que desde infância estava adormecido em meu mais profundo ser que é o poder fazer e estudar arte. *“Como falar de si, como falar com verdade de si, como limitar-se ao imediato falando de si e fazer literatura o lugar da experiência original”*.¹ E é devido a esta emancipação do compromisso com a Minha História de Vida e a liberdade de dizer aquilo que é dito para alcançar a verdade original, que inicio Este Trabalho, buscando habitar o território da verdade entendida de Minha Trajetória de Experiências de Arte Vida, no encontro com o domínio da autenticidade, o aqui onde tudo pode ser deformado e inventado, onde a *“palavra autêntica se liberta de todo e qualquer confinamento ao custo de manter-se num movimento incessante, pois que ela não reproduz uma realidade preexistente, mas só pode existir na condição de produzir a sua verdadeira verdade”*.² Uma verdade de retornar ao começo de voltar-se sobre si mesma, condenada a um eterno recomeço.

Ao narrar Minha Trajetória de Vida, debruço sobre mim, em busca desse eterno recomeço, buscando contar minha trajetória num eterno exílio e retorno na felicidade sempre prometida de um novo recomeçar, com a simplicidade primeira, quando tudo é novamente possível. Procurando enriquecer a vivência através das ações do GTU numa identificação comigo, no contato com novas pessoas e a arte teatral durante o acompanhamento do processo, desde a sua criação até o resultado final. Trazendo para a minha vida as experiências adquiridas nesse convívio. Esta pesquisa investiga a minha vivência no GTU, antes de adentrar na academia e durante o trajeto acadêmico, que me fez perceber a importância do jogo teatral condicionado ao conceito, ação (espaço/tempo), dimensão estética e pedagógica na construção de cenas, em

* As palavras em **negrito**, letras Maiúsculas, fontes e algumas pontuações diferenciadas usadas nesta escrita são para dá ênfase.

* **GTU** em **negrito** é para diferenciar o Projeto de Extensão GTU dos processos (Espetáculos do GTU).

¹ DUQUE ESTRADA, Elizabeth Muylaert *apud* BLANCHOT, M. O Livro por vir, pg. 55. Derives Autobiográficos – A Atualidade da Escrita de Si. Rio de Janeiro: NAU/Editora PUC Rio, 2009.

² *Idem*, pg.19.

que a concepção de ação conflui pensamentos de movimentos voltados para atores e atrizes ou jovens aprendizes em iniciação teatral, procuro junto a minha experiência de jogos vivenciados no **GTU** (corpo, espaço e tempo), na montagem da peça “**Em Nome do Rio**” e os exercícios direcionados e/ou temático ao encontro cênico (elementos técnicos, dramaturgia, espectador), ou exibição/recepção, ou processo criativo sob mediação teatral e condução pedagógica de um artista (apontamentos de memória).

Os estudos no Brasil apontam uma forma específica em jogos teatrais sob a designação dos Jogos “Improvisacionais”, desenvolvidos pela norte-americana Viola Spolin, para fins de preparação de atores e não atores e estes jogos são fortemente fundamentados no Teatro Épico de Bertolt Brecht e no Teatro do Oprimido de Augusto Boal.

E as técnicas seriam um porto seguro? Pois o Artista encontra-se apoiado como suporte movente da criação visível. Afinal de contas, um Artista ao servir de um esquema totalmente emocional após o processo de criação, revela-se estar no presente ou, imprime sua marca identitária, estilo pessoal/profissional de saber – fazer/ser/vir a ser.

No por que da escolha do tema advém da minha busca em concretizar o sonho de fazer e estudar teatro, após ter vivenciado o **GTU** adquirir mais conhecimento conceitual e técnico e, da vontade de desenvolvê-lo, investigar pedagogias e memórias, além da experiência prática com o ambiente de formação artística e acadêmica. Compreender no que diz respeito ao jogo teatral e a importância desse aprendizado também, na construção do licenciado.

Este trabalho são pedaços de mim onde coloco minha digital, na autenticidade de tudo que escrevo porque ainda estou escrevendo, enquanto viva continuo em processo de construção. Nesta trajetória trago em conversa comigo autores como Elizabeth Muylaert Duque-Estrada, Viola Spolin, Bertolt Brecht, Humberto Maturana, Juliana Cavassin, Sônia Rangel, Jean-Jacques Rousseau, Augusto Boal, Olga Reverbil, Merleau-Ponty e Paulo Freire que caminharão comigo seguindo a luz que ilumina a estrada do passado onde reside toda minha pesquisa. Juntos passearão pelas minhas origens, infância, adolescência, vida adulta e madura até o momento presente. Para tanto lanço mão das histórias contadas pelos meus antepassados, da experiência vivenciada no **GTU**, da vida acadêmica, de situações, percepções e emoções vividas que perpassaram toda Minha Trajetória. Recorro a apontamentos de memória (diário de bordo), informações, fotografias, recortes de jornais, relatos, conceitos e significados na composição metodológica deste trabalho.

O objetivo principal é mostrar a minha trajetória na busca da concretização desse sonho, o que aqui poderei realizar fazendo uma análise com a minha própria experiência entre o fazer e o

conhecer e essencialmente exprimir arte através de indícios pessoais em diálogo com o GTU. Os específicos: Estabelecer um link entre o conhecimento empírico e o conhecimento teórico e técnico na forma de Conhecer, Aprender e Fazer Teatro; e enquanto discente, analisar e confrontar a importância do estudo acadêmico para a formação do conhecimento do Artista e Professor de Teatro. Procurar entender qual é a importância de estudar teatro para se conduzir um grupo artístico? Quais os autores necessários para um processo de criação artística? Como analisar uma vivência artística após o aprendizado acadêmico sobre teatro? As respostas para estas perguntas serão encontradas no decorrer das narrativas.

A estrutura desta escrita será apresentada na forma de uma peça teatral que são: Prólogo, Atos, Cenas com quadros e Epílogo.

PRÓLOGO

Aqui estou a lhe apresentar este trabalho, a forma como foi desenvolvido e os caminhos percorridos até o objetivo final.

Os três Atos serão divididos por títulos e Cenas com título e quadros:

I ATO – O COMEÇO

I Cena – Onde Tudo Começou

II Cena – Memórias de Infância

III Cena – A Minha Arte de Viver

IV Cena – Memórias de Adulta

II ATO – ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA

I Cena – O Encontro com o Grupo de Teatro Universitário (GTU)

II Cena – Vida como Obra de Arte – O Aprendizado no GTU

III Cena – As Vivências no GTU

III ATO – O FAZER TEATRAL

I Cena – O Processo Seletivo Vestibular 2013

II Cena – O Fazer Teatral e a Formação Acadêmica

EPÍLOGO

Agora, convido você caríssimo (a) leitor (a) a me acompanhar neste passeio por minhas memórias, e sob a luz que ilumina a estrada do passado, percorrer este caminho, ter percepções, experimentar sensações e viver emoções no convívio desta trajetória.

Após este **PRÓLOGO** iremos para o **I ATO – O COMEÇO** e sua **I CENA – Onde Tudo Começou**. Como os títulos os denunciam o início desta jornada, vamos ao encontro de Joaquim Ferreira dos Santos – Meu Pai, parceiro e amigo eterno dos meus sonhos, seguiremos norteados pela sua premissa e ensinamentos.

Na **II CENA – Memórias de Infância**, estaremos com meus antepassados: Avós, Pai e Mãe numa viagem pela minha infância onde empiricamente eu e meus irmãos fomos apresentados ao teatro, ouvirão as histórias que eles têm a nos contar, adentremos nelas pelas igrejas católicas – homenagens a algum Santo devoto; brincaremos o carnaval; confraternizamo-nos na semana santa – com a Paixão e Ressurreição de Cristo; nas festas juninas – com Santo Antônio, São João e São Pedro dançaremos quadrilhas e saboreemos as comidas típicas da época; celebraremos o natal – com o nascimento de Jesus; visitaremos também os terreiros de umbanda e de candomblé, tudo isso num cenário impar, o Bairro da Liberdade (a Liberdade é o maior bairro negro do mundo fora da África) na Cidade de Salvador na Bahia, minha terra natal. A **III CENA – A Minha Arte de Viver**, o mundo será visto através dos meus sentidos, é que aprendi a vê-lo e senti-lo como um imenso palco, onde não representamos a vida, vivemos e que teatro é vida, somos todos atores reais da vida real. E a **IV CENA – Memória de Adulter**, aqui me apresenta a você: Sou Selma Maria dos Santos, uma mulher comum como tantas outras deste mundo, pertencço à categoria de pessoas que sonham, pedem a Deus que só permita sonhos possíveis, acreditam nos seus sonhos e vão à luta pelos seus ideais. Sou filha, mãe, avó, advogada, atriz e futura professora de teatro.

II ATO – ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA: I CENA – O Encontro com o GTU, que o acaso simplesmente me proporcionou, respondendo a um forte apelo interno, de fazer teatro. Vamos nos deparar com a Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, a minha querida ETDUFPA e os Professores Wlad Lima³ e Beto Benone.⁴

³ **Wladilene de Sousa Lima (Wlad Lima)**: Graduada em Ciências Sociais pela Universidade do Amazonas – UNAMA, possui Mestrado e Doutorado em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia – PPGAC/UFBA. Artista-pesquisadora, atriz, diretora e cenógrafa de teatro. Atualmente, é Professora na Universidade Federal do Pará – UFPA, no Curso Técnico de Ator, na Graduação em Teatro e Dança, na Especialização e Estudos Contemporâneos do Corpo e no Mestrado em Artes e Cultura, do Programa de Pós-graduação em Artes – PPGArtes – do Instituto de Ciências da Artes – ICA.

⁴ **Francisco Edilberto Barbosa Moreira (Beto Benone)**: Mestre em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes /ICA da Universidade Federal do Pará. Professor da Escola de Teatro e Dança da UFPA nos Cursos Técnicos em Cenografia e Figurino e na Licenciatura Plena em Dança e Licenciatura Plena em Teatro. Coordenador do Programa de Extensão Universitária O Auto do Círio: Drama, Fé e Carnaval em Belém do Pará. Professor pesquisador do Projeto de Pesquisa TAMBOR (Grupo de Pesquisa em Etnocenologia e Carnaval) e POIESIS - (Grupo de Pesquisa em História Antiga e Recepção) e colaborador no de Extensão Artes Carnavalescas e Academia Paraense de Mestre-sala e Porta-bandeira e Porta-estandarte.

Na II CENA – Vida como Obra de Arte – O Aprendizado no GTU, iremos mergulhar nesse universo experimental do fazer teatral através da peça “**Em nome do Rio**”, baseada no conto “A Terceira Margem do Rio”, do escritor “Guimarães Rosa”. Esse processo foi a primeira montagem que participei no GTU, é meu objeto de pesquisa, o indutor para a minha entrada no Curso de Licenciatura em Teatro. Percorreremos toda sua trajetória até a apresentação do espetáculo. Entraremos então na III CENA – As Vivências no GTU – aqui emergindo das minhas memórias afetivas visitaremos todos os outros processos que vivenciei além de “**Em Nome do Rio**”, antes de adentrar na academia: “Encantados S.A.” e “Ao Vosso Ventre”. Durante a minha formação acadêmica: “Animalismo – A Nova Ordem Mundial” e “Zeca de Uma Cesta Só”.

Então daremos outro mergulho, desta vez no III ATO – O FAZER TEATRAL: I CENA – O Processo Seletivo Vestibular 2013, iremos percorrer o caminho da persistência até meu ingresso no Curso de Licenciatura em Teatro e na II CENA – O Fazer Teatral e a Formação Acadêmica, faremos uma análise do que foi aprendido e apreendido antes e durante o aprendizado na academia, no reencontro com Viola Spolin, Bertolt Brecht e Augusto Boal, antigos conhecidos do GTU. Foi quando percebi quão são imprescindíveis os exercícios e jogos teatrais para o desenvolvimento dos processos. O significado daquele trabalho de campo no processo “**Em Nome do Rio**” em contato direto com a natureza num ambiente real.

Finalizando nossa jornada memorativa chegaremos ao EPÍLOGO, onde terço as minhas considerações finais concluindo este trabalho, narrando à importância desta experiência e como ela me atravessa na vida artística e na formação de professora de teatro, e me despeço com um forte desejo que de alguma forma e em algum momento esse experimento tenha tocado também, você caro (a) leitor (a).

Boa Leitura!

Meu muito agradecida!

I ATO

O COMEÇO

I Cena
Onde Tudo Começou

I

Meu Amor pelo Teatro.

Tudo começou a partir desta premissa passada para mim e meus irmãos pelo nosso Pai.

“O mundo é um grande palco e todas as pessoas do mundo são atores, nós vivemos todo o tempo e o tempo todo representando a vida. Viver é uma Arte minha filha, aprenda a Arte de Viver”.

Foto 01: Joaquim Ferreira dos Santos



Fonte: Acervo de Família

Joaquim Ferreira dos Santos nasceu em 01 de fevereiro de 1922, na Cidade de Pedrão, interior da Bahia, é o primeiro filho varão de uma linhagem de oito herdeiros do casal de pequenos fazendeiros descendentes de portugueses e africanos, Manoel Ferreira dos Santos e Maria das Mercês Ferreira dos Santos. Meus Avós inicialmente tiveram quatro filhas, Maria Elisa, Maria Rosa, Maria Izabel e Maria Natália. Meu Pai é o quinto filho, batizado e sacramentado Joaquim Ferreira dos Santos. Como dizia meu Avô Manoel:

- Após ele Mercês deu a “luz” a mais três “filhos machos”: Anatório, José e Misael.

Joaquim viveu até os 17 anos de idade em companhia dos seus familiares em sua terra natal, após servir a pátria decidiu morar na Capital, partiu sozinho em busca de maiores conhecimentos.

II

Durante dois anos estudou, exerceu diversos trabalhos, até ser admitido com Carteira de Trabalho “assinada” – Profissão Guindasteiro⁵ – na Companhia Docas da Bahia. Nesse período, convenceu a família a juntar-se a ele e de comum acordo todos decidiram ir morar em Salvador.

Três anos já eram passados desde o recomeço da sua nova vida, quando em uma festa em sua casa em homenagem a Santo Antônio, Santo de devoção de sua Mãe, Joaquim conheceu Nitinha e no ano seguinte celebraram matrimônio. Em 14 de dezembro de 1950, eu nasci o primeiro fruto dessa união de Amor.

Joaquim Ferreira dos Santos, após ter uma vida intensa de amor, aprendizado, ensinamento e oito filhos: Selma Maria, Célia Maria, Sônia Maria, Maria de Fátima, Jorge, Valter, Lázaro e Josenilton, faleceu em 05 de fevereiro de 1989, no Bairro da Liberdade, na Cidade de Salvador na Bahia.

III

Só que muito antes dele em 1564 (Século XVI) existiu na Inglaterra um grande poeta, **William Shakespeare**,⁶ que disse:

“O Mundo é um palco. E Homens e mulheres, são não mais que meros atores, Entram e Saem da cena durante a sua vida, não fazem mais do que desempenhar alguns papeis”.

Joaquim e Shakespeare, dois homens nascidos no mesmo planeta, separados por quatro séculos de distância no tempo, espaço e cultura, mas que tiveram pensamentos idênticos exercem em mim grandes influências, acompanhando minha caminhada.

Shakespeare, eu tive o grande prazer em conhecê-lo ainda criança, através dos meus professores com os ensinamentos empíricos e teóricos, em iniciação teatral na encenação de Romeu e Julieta. A premissa do Meu Pai norteia minha trajetória desde a infância, dando-me

⁵ **Guindasteiro**: Aquele que manobra um guindaste.
Guindaste: Aparelho destinado a levantar grandes pesos; guincho.
<https://www.dicio.com.br/guindaste/>

⁶ **SHAKESPEARE, William**. Biografia.
https://www.ebiografia.com/william_shakespeare/

coragem e força de seguir em frente toda vez que a vida me desafia a enfrentar um novo recomeço. *“As premissas são emoções racionais que nos guiam”*.⁷

II Cçna Mçmórias dç Infância

I

E é com resiliência dos acontecimentos passados que retomo sempre minha caminhada na certeza de quem sou: Selma Maria dos Santos, filha de Joaquim Ferreira dos Santos e Ademita Nair dos Santos, nascida no dia 14 de Dezembro de 1950 (oficialmente em 01 de janeiro de 1951), na maternidade “Climério de Oliveira”, no Bairro de Nazaré, na Cidade de Salvador Bahia.

Salvador, Cidade de todos os Santos, de todos os Axés e de todos os Encantos! Sou a primeira filha de uma trupe de sete irmãos, sendo eu a predileta do meu querido e amado pai, que durante toda a minha infância me acompanhou em todas as descobertas que realizai em minha formação. Minha Mãe é descendente de índio de tribo lá pelas “bandas”⁸ de Maragogipe (Cidade natal dela), e de negra brasileira e Meu Pai neto de português com mestiça brasileira.

Foto 02: Joaquim Ferreira dos Santos e Ademita Nair dos Santos.



Fonte: Acervo de Família

⁷ MATURANA, Humberto. Cognição, ciência e vida cotidiana, pg.115, (2014).

⁸ “bandas”: Referência ao lugar de localização inexata.

Eu nascida e criada no Bairro da Liberdade, onde casei e nasceram os meus três filhos: Alexandre, Átila e Amanda.

II

Situado no alto do planalto que divide Salvador em Cidade Alta e Cidade Baixa, religadas por meio do Plano Inclinado, o Bairro da Liberdade possui aproximadamente 190 hectares de área, abrangendo localidades como Soledade, Lapinha, Sieiro, Japão, Duque de Caxias, Curuzu, Cravinas, Bairro Guarani, Alegria, Jardim São Cristóvão, São Lourenço e parte do Largo do Tanque e da Baixa do Fiscal.

No dia 2 de julho de 1823, combatentes que lutaram pela independência da Bahia marcharam vitoriosos pela Estrada das Boiadas, trilha de terra que unia a Cidade de Salvador às demais províncias. Esse caminho também servia à passagem de gado bovino criado no interior destinado à comercialização na capital, donde a sua denominação de Estrada das Boiadas, que, com a marcha das tropas vencedoras, torna-se Estrada da Liberdade. Por essa razão, o Bairro onde tal acesso se localiza possui o mesmo nome.

*Com uma população majoritariamente afrodescendente, **a Liberdade é o maior Bairro negro do mundo fora da África.** O processo massivo de ocupação negra da área que hoje constitui o bairro se iniciou com a chegada de libertos e ex-escravos, no final do século XIX, após a abolição da escravatura. Antes disso a localidade era composta por roças onde eram criados*

Foto 03: Bairro da Liberdade (Antigo)



Fonte: LinkedIn SlideShare, 2008

bois e vacas. Nas primeiras décadas do século XX, a Liberdade já se assemelhava a um quilombo, de acordo com **Hilda dos Santos**, a "**Mãe**" **Hilda**, líder espiritual da comunidade do **Ilê-Ayiê-Curuzu**:⁹ “Todos os moradores eram negros. Algum escravo liberto. Tinha muitos que eram africanos mesmo, mas a maioria era filhos deles, os filhos da escravidão”.¹⁰ E vivendo toda essa influência advinda de Meus Pais foi que me constituir religiosamente entre a Igreja Católica, a Umbanda e os Terreiros de Candomblé.

III Cçna

¶ Minha ¶rtz dç Vivçr

I

Seguindo a premissa do Meu Pai, aprendi a ver e sentir o mundo como um imenso palco, onde não representamos a vida, vivemos. Teatro é vida. Somos todos atores reais da vida real. Um retorno sempre revive a infância...

Na prática desde muito pequena, lembro-me das histórias contadas pelos meus ascendentes, à escolha do meu nome, o meu nascimento, o porquê de eu ter duas datas de nascimento, do teatro nas escolas, nas igrejas, na vida.

*“O objeto próprio das minhas confissões é revelar com exatidão o meu íntimo em todas as situações da minha vida. Foi à história da minha alma que prometi contar, e para escrevê-la fielmente não tenho necessidade de outras memórias: basta-me, como fiz até aqui, voltar-me para dentro de mim”.*¹¹

II

Minha Mãe, Sra. Ademita Nair dos Santos (Dona Nita ou simplesmente Nitinha), era eclética, tinha múltiplas preferências artísticas, culinárias e principalmente religiosas. Apreciava todas as Artes, amava o circo, se encantava com a ingenuidade dos palhaços, era apaixonada por teatro, pela oportunidade que este nos proporciona de vivermos diversas vidas.

Mestra em culinária baiana cozinhava como ninguém, curiosa aprendeu fazer pratos “interessantes” por mais franceses que eles fossem só ficava perfeito se tivesse um toque

⁹ **Ilê-Ayiê-Curuzu**: O **Ilê Ayiê**, ou simplesmente **Ilê**. A expressão vem da língua Yoruba: **ilê** - 'patria'; **aiyê** - 'para sempre' ou 'em eternidade'.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Il%C3%AA_Aiy%C3%AA

¹⁰ **Histórico do Bairro da Liberdade**.

<http://www.vertentes.ufba.br/bairro-liberdade>.

¹¹ **ROUSSEAU, Jean-Jacques**. (P. 279, 1959).

baiano que só ela sabia deliciosamente dosar. Religiosamente era católica, espírita umbandista e quando se fazia necessário em ocasião de alguma “aflição confusa”,¹² ia a visitas de consulta ao terreiro de candomblé.

III

Certo dia, acompanhada por uma amiga em visita a uma nova casa espírita, Minha Mãe então grávida de três meses, ao entrar no local se deparou com uma pintura a óleo em tamanho natural de uma índia de olhos penetrantes e longos cabelos negros que lhe cobria os seios, no rodapé da tela escrito em letras garrafais S E L M A.¹³

Ao retornar para casa esperou ansiosa a chegada do Meu Pai do trabalho, o recebeu eufórica, antes mesmo que ele dissesse alguma coisa, comunicou-o que ela sabia que estava esperando uma menina e o nome seria S E L M A.

Seis meses depois em 14 de dezembro de 1950, às sete horas, na manhã de uma segunda-feira de verão, na Cidade de Salvador na Bahia, nasci de parto normal, na Maternidade Estadual Clímério de Oliveira no Bairro de Nazaré, em companhia do Meu Pai e meus Avós maternos, assistida pela Doutora Cremilda (uma médica obstetra que além de cumprir horário no hospital, atendia às clientes em domicílio e às acompanhavas em visitas regulares durante a primeira semana do nascimento do bebê).

IV

O primeiro emprego do meu Pai com Carteira de Trabalho assinada foi na Companhia Docas da Bahia, onde exerceu a função de eletricitista por pouco tempo, após passar por uma seleção conseguiu se qualificar como Guindasteiro, profissão que abraçou com paixão até ser aposentado.

Por ocasião do meu nascimento, lhe foi assegurado uma semana de licença paternidade. O retorno ao trabalho foi justamente no dia da confraternização dos funcionários, sendo recebido com muita alegria por todos, contudo Joaquim não se livrou da “gozação” pelo seu primogênito ser uma menina.

No escritório do Chefe, este era só piadas para o “novo papai” e elas rolaram soltas, a que Meu Pai recebia e retribuía com satisfação e alegria. Há poucos dias para o natal, era tradição da

¹² “**Aflição confusa**”: Aflição que se sente sem saber identificar o motivo ou a causa.

¹³ **Selma**: Significa “a que está protegida pelos deuses” ou “mulher sob a proteção de Deus”.

empresa nessa ocasião, agradecer os empregados com: brinquedos para os filhos, presentes para as esposas, cesta natalina completa – regada a queijos e vinhos – além de sorteios de diversos outros prêmios. O mais cobiçado era o presente para o bebê que comprovadamente, nascesse no primeiro dia do ano, ganharia um enxoval completo, com direito aos móveis de quarto, e uma quantia em dinheiro, correspondente a um salário mínimo da época. Em um dado momento o Chefe e o Supervisor do setor, responsáveis pela organização do evento, conduziram Joaquim a uma sala reservada, o Chefe lhe perguntou se a criança já tinha sido registrada, Meu Pai respondeu que não, já se justificando. Para surpresa dele os dois homens o abraçaram felizes:

- Ótimo rapaz, sua primogênita nasceu no ano novo, no dia primeiro de janeiro.

À confusão mental que a conversa causava ao Meu Pai, eles explicavam com veemência:

- Não há necessidade de nos dizer nada, rapaz, você só precisa entender. No dia três de janeiro, você vem aqui, lhe daremos uma carona até o cartório e você registra sua filha que nasceu no dia 1º de Janeiro.

E foi assim que eu nasci civilmente em 1º de Janeiro de 1951, dezoito dias após Minha Mãe ter me dado “Luz”.

V

O Teatro prossegue permeando a minha existência por toda essa gama de aprendizado adquirido. A memória presente esta sempre conectada ao passado e de olhos abertos para o futuro, agora me remete novamente a infância quando eu, meus irmãos, parentes e amigos conduzidos por Seu Joaquim e Dona Nita, após a missa assistíamos a apresentação natalina e muitas vezes participávamos da encenação do nascimento de Jesus Cristo. Toda aquela atmosfera, o cenário composto pela manjedoura, luzes e árvore de natal, me causava grande encantamento. Dos acompanhamentos nas procissões, em que vestida de anjo com meus irmãos e outras crianças, seguíamos o padre a percorrer as ruas do Bairro da Liberdade, ocasião em que algum Santo era homenageado.

IV

Na umbanda as vestes brancas de homens e mulheres o ar solene deles, as flores, vela branca acessa no centro da mesa forrada com toalha da mesma cor, “mesa branca”¹⁴, além da vela

¹⁴ **Mesa Branca:** É a prática da mediunidade espiritualista com base nos ensinamentos de Jesus e desenvolvida a partir das orientações de um ou mais guias espirituais (espíritos ou entidades que cuidam dos trabalhos da casa).
<http://www.povodearuanda.com.br/o-que-e-mesa-branca/>

para dá passagens aos Espíritos, havia também, búzios, uma bola de cristal e cartas de baralho. Tudo isso me dava muito medo, principalmente quando por insistência de algum amigo, que se encontrava muito necessitado de “proteção e limpeza espiritual”, visitávamos um terreiro de candomblé. Essas ocasiões eram para mim e meus irmãos a certeza de que nessa noite não iríamos conseguir dormir, por causa das lembranças do batuque dos tambores, das pessoas com trajes estranhos de Iemanjá, Iansã, Oxóssi, Oxalá, que para nós pareciam fantasias, o aroma de comida misturado ao cheiro de incenso e vela e aquelas danças e falas esquisitas que nos remetiam a seres de outro mundo, tudo isso nos causava muito pavor.

E assim com a lembrança de todas essas vivências não conseguíamos conciliar o sono, após verificarmos e certos que os nossos pais estavam dormindo, os meninos passavam para o nosso quarto (meninos e meninas tinham quartos separados), juntávamos as camas e deitávamos uns colados aos outros, em silêncio, olhando para o teto, de vez em quando nos olhávamos até adormecermos vencidos pelo cansaço.

No dia seguinte éramos acordados pela nossa Mãe e levávamos “branca”¹⁵ por estarmos dormindo “fora dos seus lugares e camas” e tínhamos que ouvir toda uma explicação a respeito da importância e necessidade da religião em nossas vidas.

Todo aquele ecletismo religioso sempre foi para mim muito natural e de certa forma me passava segurança ao ver, por exemplo, as irmãs da umbanda e as mães de santo regularmente na igreja assistindo missa e recebendo a hóstia; o padre “recebendo passe”¹⁶ na casa de umbanda ou tomando “banho de folha” para descarrego no terreiro de candomblé muito discretamente, mas que não me passava despercebido.

VII

Assim foi crescendo uma pessoa neste grande mundo teatral, sendo parte deste imenso palco da vida. E ainda tinha as datas comemorativas do calendário oficial da nossa cultura: O carnaval, a festa profana que antecede a quaresma. Meus Pais se revessavam no cumprimento da programação carnavalesca: Minha Mãe se encarregava de nos levar ao carnaval de rua (carnaval nos bairros – da Liberdade o mais requisitado) e Meu Pai ao carnaval no clube (por muito tempo ele foi Diretor Carnavalesco do Clube Filhos do Porto, promovido pela Companhia Docas da Bahia); as festas juninas em que participávamos da quadrilha das

¹⁵ **Bronca:** Repreensão, sermão: o professor deu uma bronca no aluno.
<https://www.dicio.com.br/bronca/>

¹⁶ **Passe na Umbanda:** Refere-se ao momento do culto em que o consulente se dirige ao espírito, guia para fazer uma consulta. Recebe dele uma bênção e pode fazer perguntas e pedidos. É feito um ritual de descarrego em que o "guia" purifica o consulente.
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Passe_\(umbanda\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Passe_(umbanda))

crianças, a partir do dia 13 de junho, dia de Santo Antônio a “nossa” rua era transformada em arraial, alterando todo nosso cotidiano, dando início aos festejos que só terminavam no dia 30 após a comemoração a São Pedro.

Aos cinco anos de idade Meu Pai me ensinou a dançar valsa, elegantemente subia nos seus pés e ele bailava comigo por toda sala de visitas, me ensinando os passos. Dessa forma aprendi dançar bolero, rumba, xaxado, forró e tango. Isso me rendeu o apelido de “dançarina da São Salvador”.¹⁷ Aprendi a ler e escrever (Cartilha do ABC) na “Escola Abrigo Filho do Povo”, minha primeira escola, localizada no Bairro da Liberdade, cercada pela cultura africana matizes de formação de minha família.

VIII

Situado no coração da Liberdade, essa escola fundada no início do século passado continua até hoje em pleno funcionamento, é responsável pela iniciação educacional das crianças do Barrio e adjacências, proporcionando uma educação de qualidade que evolui acompanhando a dinâmica do local e do tempo.

Foto 04: Escola Abrigo Filho do Povo



Fonte: A TARDE.COM.BR, 2013.

Aos 10 anos de idade foi estudar em colégio interno, para “aprimorar nossa educação”, ideia da Minha Mãe por não disponibilizar de tempo suficiente para nos educar devidamente. Nessa

¹⁷ **Dançarina da São Salvador:** Alusão ao nome da rua onde morávamos no Bairro da Liberdade – Rua São Salvador.

ocasião já éramos cinco filhos, sendo que a caçula dessa época minha irmã Sônia, era especial devido complicações na hora do parto – tivemos-a em nosso convívio por dezoito anos, idade em que faleceu. Na verdade a ida para o internato era para minha irmã Célia, a segunda filha do casal, eu por ser a mais velha ficaria em casa para ajudar a cuidar dos irmãos menores.

IX

Meu Pai encontrava-se de férias em visita aos parentes do interior, umas das poucas vezes em que não pude acompanhá-lo porque as aulas começariam a uma semana. Três dias depois de ele ter viajado acompanhei Minha Mãe e minha irmã Célia (um ano e três meses mais nova que eu). Fomos a um local de onde ela partiria para estudar em um convento requisitado em Feira de Santana, cidade distante duas horas de Salvador.

As duas estavam felizes, Minha Mãe carregava uma bonita mala, de vez em quando a passava para as mãos de minha irmã e esta a devolvia ao se sentir cansada. Eu curiosa e desconfiada com aquela situação, as observava sem falar nada. Viajamos de ônibus durante mais ou menos meia hora. Andamos uns dez minutos, a mala sendo cuidadosamente reversada entre as duas, chegamos a um casarão antigo pintado de azul e branco numa tinta desbotada pelo tempo, a porta encontrava-se aberta, entramos.

Minha Mãe explicou o assunto para a moça que se encontrava na recepção e fomos conduzidas por ela a uma sala enorme decorada com moveis antigos, sentado a uma grande mesa de escritório estava o diretor da instituição, que nos recebeu com um largo sorriso, nos cumprimentou e disse a Minha Mãe que houve um “probleminha”. Explicou que a vaga para o internato já tinha sido preenchida por outra criança, por um equívoco nas informações passadas pelo funcionário responsável do envio da documentação, de forma que só seria possível à ida de Célia para aquele convento no próximo ano. Diante do rosto decepcionado de Dona Nita ele oferece uma alternativa. Havia uma vaga numa cidadezinha chamada Lustosa no interior da Bahia.

Minha irmã protestou, chorou, dizendo que não iria de jeito nenhum. O diretor com “ares de santo” olhou para mim e perguntou:

- Você não quer ir menina?

Assustada, olhei para Minha Mãe! Os dois de olhos em cima de mim! Minha Mãe:

- Vá minha filha, é por sua educação. É só por um ano e logo, logo nas férias de junho você pode passar em casa.

Finalmente conseguir falar alguma coisa!

- Mas eu... Não trouxe roupa!

O diretor colocou a mala da minha irmã na mesa e Minha Mãe a abriu enquanto dizia:

- Sua irmã lhe empresta algumas.

Sentir aquela proposta como uma condenação e diante dos rostos sorridentes deles, aceitei a sentença.

E com as roupas emprestadas da minha irmã, arrumadas numa sacola velha presenteada pelo diretor, meia hora depois no início de noite daquele dia, encontrava-me juntamente com outras três crianças num jipe em companhia de um padre, sua secretária e seu motorista a caminho de um inesperado e desconhecido destino.

Chegamos de madrugada à Cidade, um vilarejo que mais parecia um território de bruxas dos contos de fadas. Descemos do jipe carregando nossas bagagens em frente a um prédio. O padre, diretor da instituição nos apresentou orgulhoso:

- Esta agora é a escola de vocês, o Ginásio Estadual Pindorama!

X

Durante algum tempo sem conseguir me alimentar direito, entre lágrimas e pesadelos, sobrevive esperando a hora em que Meu Pai chegaria para me buscar, o que só aconteceu após duas semanas, quando na manhã de um sábado fui chamada a sala de reuniões e com o coração aos pulos, em lágrimas estava nos braços do Meu Pai... Foi a primeira vez que o vi chorar.

Ele queria me levar embora imediatamente daquele lugar. Fez-me mil perguntas: como estava sendo tratada, se me fizeram alguma coisa, se eu estava bem de saúde?... Contei-lhe toda história, procurando ser imparcial até mesmo comigo.

Após os ânimos acalmados, recebi presentes lindos: vestidos, anáguas, calcinhas (todas muito pequenas, sabia que não caberiam em mim), mas aceitei tudo muito alegre e feliz com a euforia do Meu Pai, que naquela cena parecia um menino e eu uma adulta.

Foi liberada pelo padre para acompanhar Meu Pai. Passamos o dia juntos, conversamos bastante, passeamos conhecendo a cidade, que naquele momento não me pareceu tão sinistra quando da minha chegada.

No final do dia lhe informei da minha decisão de continuar no internato, após ouvir meus argumentos ele compreendeu meus motivos e mesmo a contar gosto acatou. Lá fiquei durante quatro longos anos, tempo em que dentro dos meus princípios, me desconstruir e me reconstruir, vivendo naquele novo cenário exercia a arte de viver.

As férias de junho (a primeira desta jornada), preferir passar em companhia das novas amigas que por não terem para onde ir tinham que permanecer no internato. Nas férias de fim de ano no encontro com a minha família, fui recebida com festa como se o passado nunca tivesse existido.

Durante a estadia no Ginásio Pindorama, tornou-se um hábito meu nas horas de lazer contar histórias da minha vida para as colegas, uma forma de me conectar com os meus entes queridos e não me esquecer naquele mundo tão diferente e distante, quem eu era. Esses momentos tornaram-se meus preferidos, aos poucos todas tinham histórias de vida para contar. Tive a ideia de criarmos um teatrinho e assim passamos a encenar as narrativas.

Certo dia, estávamos tão concentradas em nossa encenação que só voltamos à realidade ao som dos aplausos. Paramos, espantadas, já a espera do castigo ao invés disso nos elogiaram e a partir daí o nosso teatrinho tornou-se teatro oficial, com direito a apresentações mensais e em datas comemorativas na escola. Incumbida da direção teatral, ganhei respeito o que me facilitou bastante a convivência naquele lugar.

Meu Pai me visitava mensalmente, no dia 27 de cada mês (dia em que ele recebia o salário), lá estava ele com presentes para mim e minhas amigas, durante três dias vivíamos no paraíso, num mundo só nosso.

Minha Mãe nunca foi me visitar.

XI

Após o internato, de volta a Salvador, “prestei o Exame de Admissão”,¹⁸ sendo aprovada em segundo lugar na classificação geral, fiz o Curso Ginásial (hoje corresponde ao Ensino Fundamental II) no Colégio Estadual Duque de Caxias, também no Bairro da Liberdade, um dos estabelecimentos de ensino de grande prestígio na Capital Baiana. Atualmente encontra-se em pleno funcionamento, primando em eficiência e qualidade de ensino público.

¹⁸ **Exame de Admissão:** Seleção para ingressar no Curso Ginásial (corresponde atualmente ao Ensino Fundamental II).

Foto 05: Colégio Estadual Duque de Caxias



Fonte: PIBID. Filosofia. UFBA, 2018.

Em 1970 entre o Curso Técnico de Arte Dramática e o Técnico de Contabilidade escolhi este último, e fui estudar no recém-inaugurado Colégio Estadual M. A. Teixeira de Freitas, localizado em Nazaré, um Barrio de classe média alta de Salvador. Na época um curso muito requisitado que proporcionava formação profissional para ingresso imediato no mercado de trabalho. A minha escolha foi devido ao fato da minha família possuir poucos recursos e um enorme contingente de filhos, para alimentar e educar. Meus Pais tinham apenas a formação fundamental, Minha Mãe não tinha uma profissão formal, tomava conta de casa – Prendas do Lar (Dona de Casa) – uma atividade muito mais trabalhosa que outras exercidas no mercado de trabalho, cuidando de marido, oito filhos e mais três sobrinhas vindas do interior para estudar na capital, Meu Pai trabalhava na Companhia das Docas da Bahia como Guindasteiro.

XII

Em 1973 tive a oportunidade de estudar para fazer o vestibular. Escolhi o Curso de Bacharelado em Direito da Universidade Federal da Bahia (UFBA), uma chance para poucos, sendo a primeira da família a ingressar em uma Universidade em busca de uma formação superior. O sonho de estudar e fazer teatro mais uma vez fora adiado...

Foto 06: Selma Maria dos Santos



Fonte: Arquivo Pessoal

Formei-me em 1977 (tempo regulamentar do curso), fui estagiar na Companhia Docas da Bahia ao lado de Meu Pai e seus amigos de profissão. No ano seguinte de posse da Carteira da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), tornei-me oficialmente advogada.

Foto 07: Selma Maria dos Santos



Fonte: Arquivo Pessoal

Assim cresci, convivendo sempre com o teatro em casa, na “minha rua”, nas igrejas, nas escolas em que frequentei no decorrer da minha formação educacional.

Procuro apresentar minha relação de conhecimento e encontro com as artes populares, a espetacularidade dos terreiros de umbanda e candomblé e os cortejos religiosos que em minha vida perpassaram. *“É uma explicação do que é o viver e, ao mesmo tempo, uma explicação do fenômeno estar a viver no constante vir a ser dos seres vivos no domínio de sua existência”*.¹⁹

IV Cçna

Mçmórias dz Adulta

I

Sou Selma Maria dos Santos, uma mulher comum como tantas outras deste mundo, pertencço à categoria de pessoas que sonham, pedem a Deus que só lhe permita sonhos possíveis, acreditam nos seus sonhos e vão à luta pelos seus ideais.

No início da minha vida adulta, então discente da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tive um amor quase impossível e possível, o nome dele era Roberlito de Araújo Leão, o meu primeiro grande amor, sabe um daqueles amores que nos dá a sensação de que nada existiu antes e não existira depois. O conheci na sala de estar da nossa casa na Rua Pero Vaz, nº 29, no Bairro da Liberdade, quando no fim de uma manhã de um dia qualquer minha irmã Célia adentra em casa acompanhada por colegas do colégio para fazerem um trabalho da escola, ao me deparar com ele foi um momento mágico, o mundo parou, olhávamos um para o outro como se não existisse mais ninguém na face da terra!

II

Vivemos grandes momentos de amor inesquecível, um amor que marcou a minha alma e o meu corpo, com ele me “tornei mulher”. Esse amor perpassou além do encontro com Washington Santos Brandão meu marido, hoje exe., pai dos meus três filhos, Alexandre, Átila e Amanda Santos Brandão, vivemos uma historia de amor que perdurou onze anos de nossas vidas, durante os quais criamos e educamos nossos filhos. Mas, o meu verdadeiro amor sempre esteve adormecido no cantinho das profundezas de meu coração, interrompido

¹⁹ MATURANA, Humberto. Cognição, ciência e vida cotidiana, pg. 10, (2014).

abruptamente neste plano de nossas existências no dia de sua partida em um acidente de trânsito.

Washington veio para Belém do Pará no início de abril de 1987, por estar desempregado há um ano e meio e com todos os problemas que uma situação dessas pode causar, sendo eu por esse período, provedora do meu sustento e de minha família, com o exercício da advocacia, resolvi apoiá-lo na única oportunidade viável que surgiu depois desse longo tempo, o convite de um amigo para trabalhar na profissão de metalúrgico a qual abraçou. Aqui viveu durante três meses, logo em seguida foi à Salvador nos buscar e viemos todos para o lugar em que estou até os dias de hoje.

III

Ao comunicar a nossa mudança para o Pará, minha família e eu brigamos, por eles não compreenderem a minha decisão de transferir meu escritório em plena acessão para terceiros e sair da minha Cidade, para viver longe deles. Mais uma vez, como sempre, após ponderar toda situação, Meu Pai, foi o único que me apoiou para que eu continuasse sonhando, desta vez em me reestruturar e a minha família.

Fomos morar na Vila dos Cabanos em Barcarena, no interior do Estado do Pará, num canteiro de obras e por lá passamos quatro anos de nossas vidas, eu vivendo entre a saudade da minha terra, da minha gente e a aventura de conhecer novos lugares, novos ares e novas pessoas. Guardo em minha memória as palavras de Meu Pai: “Vá minha filha, sei que você e seu marido se amam!” Na despedida ao me abençoar disse: “Precisando é só me chamar, logo, logo vou estar com vocês!” E foi o que não aconteceu, dois anos após nossa chegada ele faleceu e nunca pode me visitar na Cidade onde iniciei uma nova vida. E aqui fiquei dividida entre minha terra natal e este novo lugar que adotei como meu novo lar. O tempo passou e com ele a relação de amor entre eu e Washington. Separamo-nos.

IV

Após o divórcio voltamos eu e meus filhos para Salvador na esperança de reconstruirmos nossas vidas. Na chegada à rodoviária nos deparamos com a primeira dificuldade, nossas bagagens tinham sido extraviadas, depois de viajarmos 38 horas de ônibus, passamos mais duas horas no departamento encarregado de desvio de bagagens para averiguação dos fatos, o sentimento era de total impotência causada pelo cansaço e a perda dos nossos pertences, essencialmente os álbuns de fotografia, registro até então da minha trajetória de vida.

Ao chegarmos a casa onde morei, diante da Minha Mãe e os parentes que nos aguardavam tínhamos a aparência de náufragos. De regresso ao nosso velho novo lar tudo tinha mudado, a sensação que tínhamos era a de não fazer mais parte daquele ambiente, de nada estar no lugar e cada tentativa de readaptação era um sofrimento pela percepção de nos sentirmos estrangeiros e sem espaço.

V

Dois anos e meio do nosso retorno haviam-se passado, até que um dia minha filha caçula então com 12 anos de idade, numa conversa na sala de visitas na casa do meu irmão Lázaro (Lely), onde estávamos reunidos a sois, recordando histórias das nossas vidas no Pará, perguntou:

- Por que não voltamos pra Belém? Nossa casa está lá, nossos amigos estão todos lá. Nossa vida é lá.

Os três olhando pra mim, interrogativamente?

Respondi pensativa:

-Vou pensar.

Confesso que naquela noite chorei muito, certa de por mais uma vez ter que nos aventurar em outra jornada. Só conseguir conciliar o sono, acalentada com a lembrança das palavras do Meu Pai: “Minha filha aprenda a arte de viver”. A memória dessas palavras naquele momento me surgiu desfocada pela angustia sentida da realidade que se apresentava. *“Era preciso que o arquivo da sua Memória emprestasse realidade a casa onde nascera e cresceria”*.²⁰

VI

Uma semana depois estávamos de volta a Belém, celebrando o retorno com os amigos em nossa casa na Cidade Nova. Os anos se passaram então, os filhos formados e empregados: Alexandre escolheu a minha primeira profissão, tornou-se Advogado; Átila, Engenheiro de Pesca e Amanda, Assistente Social.

Alexandre casou-se em 2004, Amanda em 2008 e Átila por esse período vivia viajando a trabalho. No final de 2009, fiquei surpresa quando estávamos todos reunidos em nossa casa num almoço de domingo e muito sem jeito meus filhos começaram a me questionar: Se eu estava bem, se era feliz, se estava faltando alguma coisa?

²⁰ DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. Pg. 13, 2009.

Ao querer saber o porquê de tanta preocupação, eles responderam que eu estava com todos os sintomas de depressão. Perguntaram se eu queria voltar para Salvador, que lá poderia continuar advogando, e que não me preocupasse se fosse esse o meu desejo eles iam entender, que o eles queriam que eu estivesse feliz.

Disfarçamos a emoção e eu prometi pensar no assunto. À noite com o meu travesseiro refletir sobre nossa conversa. Não me sentia depressiva, mas cheguei a imaginar que estava com a “síndrome do ninho vazio”.²¹

No dia seguinte, em casa após o trabalho, me embriagando de chá de camomila com torradas me perguntei o que realmente queria da vida aos 58 anos. A resposta veio de imediato: Realizar sonhos. Enumerei sete (porque gosto do número 7). Entre devaneio e realidade, emergia sempre o sonho antigo adormecido, mas sempre acalentado de fazer teatro. Decidir: Vou fazer teatro.

Só teria de descobrir onde. *“A fantasia é uma espécie de máquina eletrônica que leva em conta todas as combinações possíveis e escolhe as que obedecem a um fim, ou que simplesmente são as mais interessantes, agradáveis ou divertidas”*.²²

Dias depois esse sonho teve que ser novamente adido, precisei me submeter de urgência a uma cirurgia de vesícula. No hospital enquanto me restabelecia a decisão de fazer teatro ia cada vez mais se fortalecendo. O tempo passando... Recebi alta da internação, só precisava voltar um mês depois para exames de avaliação.

Os anjos conspiraram a meu favor, um mês depois, de volta para casa após a confirmação do médico que eu estava bem de saúde, me deparei com a Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, (ETDUFPA) e lá encontrei o GTU.

²¹ **Síndrome do ninho vazio:** A solidão física ou mental que atinge os pais ou tutores quando seus filhos/as deixam seus lares.
<https://amenteemaravilhosa.com.br/sindrome-do-ninho-vazio/>

²² **RANGEL, Sônia.** “Olho Desarmado” – Pensamento em Configurações, (Op. cit.: 107). Pg. 109.

II ATO

ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA

I Cena

O Encontro com o Grupo de Teatro Universitário – GTU

I

Sempre me sentir atraída pelas Artes, em especial pelas Artes Cênicas, herança dos meus ancestrais, sendo o Meu Pai o meu maior incentivador. Cheguei ao GTU simplesmente por acaso, respondendo a um forte apelo interno, de fazer teatro.

Saindo de um hospital próximo à Escola de Teatro e Dança, onde acabava de ter a notícia após o meu restabelecimento de uma cirurgia de vesícula, de que minha saúde estava ótima de acordo com os resultados dos exames, caminhava “de bem com a vida” quando passando em frente a um prédio, sem parar de andar, olhei para cima e li Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA), foi a primeira vez que a enxerguei, apesar de ter feito esse trajeto em diversas outras ocasiões, essa foi a que me dei conta da destinação do imóvel, antes achava por causa da cor rosa, que fosse uma escola infantil ou espaço para eventos. Entrei.

II

A Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA), Instituição Pública, fundada na década de 1960, esta localizada na Travessa Dom Romualdo de Seixas, número 820, no Bairro do Umarizal, centro de Belém, Capital do Estado do Pará.

Iniciou com os Cursos Técnicos de Ator, Dança, Cenografia e Figurino. Anos depois foram incluídos os Cursos Superiores de Licenciaturas em Teatro e Dança. “*A Escola de Teatro vem desde a sua fundação desenvolvendo um papel importante na formação de artistas para a Cidade de Belém, além de propiciar à sociedade o contato com muitas obras do cânone literário, e também resultados de novas experimentações*”.²³

A Instituição funciona atualmente num espaço bem estruturado, amplo e arejado, dividido em três pavimentos que comportam salas de aulas, salas de práticas dos respectivos cursos, camarim, auditório, laboratório de informática, secretária, diretoria, cantina e o Teatro

²³ **BEZERRA, José Denis de Oliveira.** Livro Memórias cênicas: Poéticas teatrais na Cidade de Belém, pg. 88, (1957-1990). Artista, ator, diretor teatral, performer, professor de teatro. Doutor em História, pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará (2016). Mestre em Letras: Linguística e Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (2010). Graduado em Letras- Licenciatura Plena em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (2007). Técnico em Ator pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará/ETDUFPA (2007). Professor da Escola de Teatro e Dança da UFPA, atua na Licenciatura em Teatro e no curso Técnico de Ator. Atua no Programa de Pós-graduação em Artes da UFPA, na linha de pesquisa História, Crítica e Educação em Artes. Coordena o Curso de Mestrado Profissional/PROFARTES/UFPA.

Universitário Cláudio Barradas, nome dado em homenagem ao professor, padre, ator, encenador, diretor e incentivador das Artes.

Foto 08: ETDUFPA



Fonte: Marta Teixeira

Na Escola o porteiro me indicou a secretária. Encontrei-a fechada, dirigi-me a sala mais próxima, dos Professores, bati e como a porta encontrava-se entreaberta, abri-a o suficiente para olhar seu interior, lá estavam duas pessoas, disse bom dia, pedi licença e perguntei à senhora que estava sentada à mesa lendo, próxima à porta:

III

- Com quem eu falo para fazer teatro?

Ela me olhou de soslaio e sorriu, e antes que pudesse me responder o senhor sentado ao computador no fundo da sala, perguntou:

- Pra quem é?

Respondi:

- Pra mim.

Os dois me olharam e ele:

- Olha! Que bom! Você está interessada em teatro! Você quer mesmo fazer teatro? (e sem esperar resposta). Estais com sorte. Vá a secretária procure a moça responsável pelo GTU e se inscreva, hoje é o último dia de inscrição. Parabéns.

Agradei e olhando para a sorridente senhora saí fechando a porta. (Posteriormente fique sabendo que aquelas pessoas tratava-se da Prof.^a Dra. Wlad Lima e o Prof. M.Sc. Beto Benone).

Na secretária, desta vez aberta, quis saber da funcionária o que era GTU e ela meio surpresa me explicou:

- É o Grupo de Teatro Universitário.

Foi logo dizendo:

- A senhora tem que trazer os documentos completos: Carteira de identidade, comprovante de residência e escolaridade, tudo “Xerox”.

Olhou rapidamente para mim:

- É pra sua filha? Sua neta? Só tem um problema, pra fazer a inscrição tem que entregar todos os documentos e o prazo é só até hoje sem prorrogação, vamos está recebendo até às 17 horas.

Eu disse irônica:

- É para mim, e estou com todos os documentos.

Ao olhar de espanto dela, perguntei:

- Por quê? Não posso? Existe alguma restrição?

Ela muito sem jeito, com fala mansa respondeu:

- Não senhora, a senhora pode sim, é, é, é que...

Eu completei a frase afirmando sorrindo:

- Poucas pessoas da minha idade querem fazer teatro.

Ela:

- É...

No final daquele dia com uma tarde ensolarada, a última semana do mês de fevereiro de 2010, sair da Escola de Teatro feliz da vida, estava inscrita no GTU da noite.

IV

O GTU é o antigo Grupo Universitário de Teatro da Escola, que a partir de 2009 tomou um novo direcionamento, tornando-se um Projeto de Extensão sob a curadoria das Profas. Dras. Olinda Charone ²⁴ e Wlad Lima, que iniciaram essa retomada com os Espetáculos “A Travessa da Espera” e “Dons de Quixote”.

O projeto é conduzido por aluno da Instituição que apresenta e defende sua proposta de pesquisa e encenação teatral, onde as pessoas da comunidade interessadas em fazer teatro podem ser iniciadas nesse fazer.

Nesse grupo, alunos da escola, novos encenadores, aspirantes a ator, e a comunidade em geral, tem oportunidade de experimentar com orientação técnica, a prática de fazer teatro. O grupo recebe pessoas não só da capital, mas também de outras localidades do estado. Em geral são estudantes de média e baixa renda, que procuram as oficinas e cursos como forma de adquirir mais conhecimento, se profissionalizar e assim realizar sonhos e melhorar de vida.

Entretanto, a demanda de ações mostra a necessidade de um programa que abranja a interação de outros projetos e cursos relevantes para o plano político pedagógico desta Instituição que possam aditar com os planejamentos curriculares de todos os cursos ofertados ou a serem propostos na ETDUFPA.

V

Neste sentido mostra-se essencial a preposição de um programa de extensão que ofereça cursos livres que atendam o nível básico de teatro e de dança, bastante solicitado por jovens e crianças, os de atualização e capacitação que complementem o ensino técnico e os que enfoquem os interesses da comunidade externa. Os cursos básicos e oficinas oportunizaram os discentes da graduação de teatro e da dança como monitores e no estágio supervisionado, dentro das atividades complementares e obrigatórias existentes no desenho curricular na Licenciatura em Teatro e Dança. Projetos multidisciplinares e interdisciplinares que proponham as interfaces das linguagens artísticas serão favoráveis para o estudo, discussão e reflexão, como o exercício de dança que traz todas essas ações, além de palestras e divulgações das produções da ETDUFPA, da comunidade externa.

²⁴ **Olinda Charone:** Atriz, Diretora. Graduada em Geografia pela Universidade Federal do Pará – UFPA, (1991), Mestrado e Doutorado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Atualmente, é professora da UFPA, na Escola de Teatro e Dança - ETDUFPA.

Os grupos de produções da Instituição (Grupo Coreográfico e o Grupo de Teatro Universitário), este último em um novo enfoque desde 2009, proporcionando a formação de novos encenadores, possibilita integração dos cursos no envolver discentes e docentes para criar, ensaiar, dirigir e produzir os trabalhos artísticos, o que conduz a valorização da troca de experimentações e a importância de mostrar, sistematizar e divulgar a programação no decorrer do ano letivo acadêmico. O programa contribuirá para a formação artística e pessoal de todos que participarem de forma ativa ou passiva deste núcleo.

II Cena

Vida como Obra de Arte – O Aprendizado no GTU

I

Meu primeiro contato com o GTU aconteceu na sala de corpo, foi um momento de encantamento e estranheza. Encantamento pelo ambiente iluminado com luzes multicoloridas, onde diversas pessoas caminhavam alegres ao som de uma música animada executando movimentos ao comando do Encenador/Diretor. Assim que adentrei na sala foi orientada a participar da atividade e isso acontecia com quem ia chegando. Estranheza por me encontrar naquele ambiente com muitas pessoas, não entendia com clareza o que estava acontecendo, mas aos poucos fui interagindo e num dado momento a cada novo comando fui me integrando ao grupo. Ficamos nesse exercício por um tempo relativizado (uns 20 minutos que para mim pareceram 2 horas), até a música parar, as luzes multicoloridas apagarem e nos encontrar sob uma iluminação normal, então pude ver os companheiros dessa aventura e ser vista por eles.

II

Durante uma semana por três vezes lá estava eu no GTU da noite “Máquina”, dirigido por Ives Oliveira.²⁵ Em uma sala preta (sala de corpo) com piso de taco da mesma cor, um aparelho data show, e uma mesa de som. Encontrávamos as terças, quintas e sextas feiras, das 19 às 21 horas ocasião em que o espaço era totalmente ocupado inicialmente por 99 participantes que sob o comando de um aluno (instrutor físico) executávamos exercícios durante 40 minutos, depois tínhamos 15 minutos de intervalo, após esse tempo o Ives comandava a roda de conversa dando continuidade ao processo, “a história de uma fábrica em

²⁵ Ives Oliveira: Encenador/Diretor, Ator. Formado no Curso Técnico de Ator pela ETDUFPA.

que as pessoas organizadas hierarquicamente trabalhavam e se comportavam como máquinas”.

Devido á dificuldade de pegar condução de volta para casa, (moro na Cidade Nova, Bairro à 1 hora de ônibus de distancia da escola), me transferir para o GTU da tarde “**Em Nome do Rio**”, sob a direção de Dario Jaime de Sousa ²⁶ e Fabrício de Souza ²⁷, efetivamente meu primeiro processo.

III

Os trabalhos do **GTU** daquele ano começaram no primeiro dia útil do mês de abril, com encontros semanais também as terças, quintas e sextas-feiras, das 13 às 15 horas, com a duração prevista para seis meses, ou seja, conclusão dos trabalhos em outubro do referido ano. O número de inscritos nesse ano para o GTU da tarde foi de 97 participantes.

No dia indicado para inicio do processo, me informo na secretária da Escola onde será o GTU da tarde.

Confiro o número da sala, 08, correto, ansiosa bato duas vezes na porta, alguém lá de dentro:

- Entre.

Abro a porta, tímida. Na sala contornada por espelhos encontram-se umas vinte pessoas, algumas em pé, outras sentadas no chão, um jovem sentado ao lado de outros jovens me cumprimenta sorridente:

- Boa tarde pode entrar, seja bem vinda. GTU da tarde? É aqui mesmo. Eu sou Dário, você?

Adentrando na sala, respondo:

- Selma.

Algumas pessoas me olham, outras não me percebem, parecem alheias concentradas em suas conversas.

Dário:

- Fique à vontade, estamos esperando o restante do pessoal chegar.

Eu:

- Obrigada.

Procuro um espaço e sento no chão, fico observando tudo.

²⁶ **Dário Jaime de Sousa:** Ator. Formado no Curso Técnico de Ator pela ETDUFPA. Diretor/Encenador e Produtor de elenco. Graduado em Licenciatura em Letras pela UFPA.

²⁷ **Fabrício de Souza:** Ator. Formado no Curso Técnico de Ator pela ETDUFPA. Graduado em Licenciatura em Teatro pela UFPA.

As pessoas vão chegando, uma senhora entra, senta ao meu lado e puxa conversa sobre o processo, iniciamos um diálogo casual (sinto-me aliviada por encontrar neste lugar alguém da minha geração).

Aos poucos a sala vai se enchendo de gente, num dado momento quase não tem espaço para acomodar os presentes, a impressão que tive é de que se encontravam ali mais ou menos umas 100 pessoas. Dário pede para que sentados no chão, façamos um círculo, faz um cumprimento geral e dar início aos trabalhos. Começa se apresentando e ao Fabrício aos demais:

IV

- Sou Dário Jaime e este é o Fabrício Souza, estamos à frente deste trabalho como Encenadores/Diretores, do GTU da Tarde...

E logo após a fala deles cada um dos presentes por vez se apresenta, começando da direita dos Encenadores/Diretores, dissemos os nossos nomes, de onde viemos e o porquê de estarmos ali. No final da apresentação, confirmamos presentes 87 pessoas. Sentir-me menos apreensiva ao constatar que em meio a tantos jovens, participavam do processo além de mim mais três senhoras.

Os Encenadores/Diretores nos falam sobre o projeto e da proposta de criação, dos colaboradores que iram auxilia-los nessa tarefa e que contavam com a participação de todos num trabalho colaborativo para a montagem de um espetáculo a partir do conto A Terceira Margem do Rio do escritor Guimarães Rosa.

Ele nos “apresenta” Guimarães Rosa, e a Terceira Margem do Rio.²⁸

Após falar sobre o autor, ele entrega uma cópia do conto para cada participante, explica que o nosso processo será prático/teórico. Informa que essa obra foi seu objeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no Curso de Licenciatura em Letras da UFPA. Fala da sua paixão pelas obras do autor em especial por esse conto.

Começou lendo o texto e sugeriu que voluntariamente fossemos fazendo o mesmo, os mais tímidos eram estimulados, com sugestões – leia com calma; ouvindo sua voz; sentindo a história. Aos poucos nos íamos aventurando numa leitura curta, ao término do conto, esse era relido até finalmente termos todos participado.

O texto conta a história de um pai que aparentemente sem razão ou motivo, abandona a família formada por esposa e três filhos (dois rapazes e uma moça), para viver numa pequena

²⁸ ROSA, Guimarães. *A Terceira Margem do Rio*: Texto extraído do livro “Primeiras Estórias”, pg. 32. Editora Nova Fronteira – Rio de Janeiro, 1988.

canoa à margem do rio próximo a sua casa e de lá nunca mais sair. Narra o sofrimento de todos em decorrência do acontecido.

∇

Finalizando o encontro fizemos uma roda de conversa, o clima era de descontração, a maioria dos presentes opinou sobre as atividades do dia e ficou evidente o nosso entusiasmo pelo projeto. A roda de conversa ou avaliação acontecia após cada término das atividades ou no dia seguinte (quando não dava tempo no dia anterior), antes do começo dos trabalhos, são considerações sobre o andamento do processo, os exercícios aplicados, a percepção de cada um, as sensações experimentadas nas criações e execuções de cenas, dúvidas e críticas, ocasião em que surgiam novas ideias para o espetáculo e melhor entrosamento do grupo. Aquele sempre foi um momento que me marcou muito por me fazer sentir, à medida que os colegas iam falando, um misto de ansiedade, de angústia, preocupação e relaxamento final. Esta sensação, por um instante, era experimentada por todos os presentes e certamente o aprendizado levado para nossas vidas, ao percebermos que através do teatro naquele lugar tínhamos voz, éramos ouvidos e saímos dali com a certeza de ter pelo menos, uma real perspectiva de solução para as situações encontradas também, no nosso cotidiano.

Começávamos timidamente falando cada um por vez sobre o trabalho desenvolvido naquele dia, a partir da percepção pessoal, que aos poucos ia se transformando em relatos de vida compartilhados sempre com muita emoção, nos contagiando. Era a oportunidade de falarmos e ultrapassávamos as fronteiras do processo, exponhamos os nossos problemas, as nossas inquietações, o que nos causava incomodo, espontaneamente, induzidos pela história cênica contávamos a nossa história real. Os assuntos que viam á tona iam desde a falta de dinheiro das passagens de ônibus para ida e volta à escola, do almoço do dia e até relacionamento familiar. O consolo de sempre e a solução para algumas situações era encontrada no grupo, seguindo o lema adotado por todos: “O que acontece aqui no GTU, fica aqui entre nós”.

Felizmente a roda de conversa é uma prática levada a serio pela maioria dos processos e em algumas disciplinas do curso acadêmico. Considero esses momentos de avaliação, a grande contribuição do **GTU** na minha trajetória e certamente na da maioria dos participantes do processo, por nos possibilitar sermos iguais nas nossas diferenças. *“Nas práticas do ensino de teatro seja qual for à abordagem metodológica escolhida, por esse viés o conhecimento se*

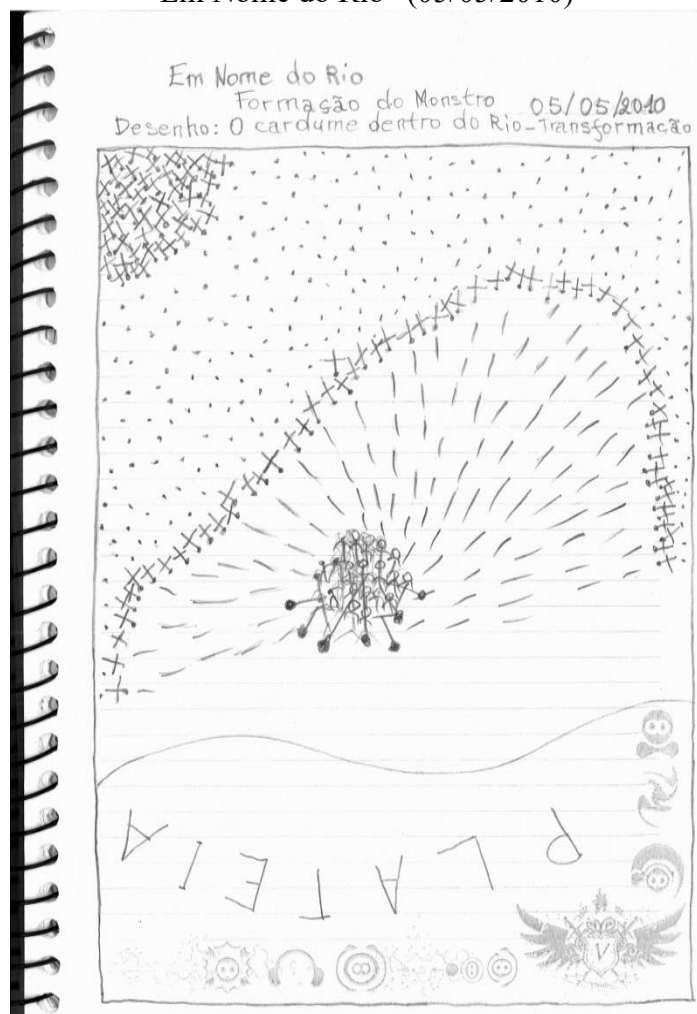
*torna efetivo, pois é um instrumental significativo para que o sujeito atue criticamente na vida e sociedade, isso é, questione e interfira nas singularidades apresentadas”.*²⁹

VI

Os encontros prosseguiam a cada dia o processo ia se desenvolvendo e as atividades se intensificando com introdução de mais exercícios e jogos teatrais. Dário nos aconselhou a fazermos um Diário de Bordo (Apontamentos de Memória), anotar tudo passo a passo para melhor percepção e entendimento do experimento. Optei por registrar também, com desenhos, algumas das minhas memórias.

²⁹ CAVASSIN, Juliana *apud* MORIN, Edgar. Perspectiva para o teatro na educação como conhecimento e prática. Revista Científica nº 03, pg. 48, 2008.

Foto 09: Desenho Cardume de Gente (Transformação do Monstro)
“Em Nome do Rio” (05/05/2010)



Fonte: Diário de Bordo – Selma Salvador

Os ensinamentos práticos/teóricos nos forneciam conhecimento e aprendizado diferenciados que só o teatro pode propiciar, a começar pelo ambiente onde as atividades eram realizadas, salas com paredes pintadas de preto, onde sentávamos no chão em círculo, trajando roupa de ensaio: Calça e blusa pretas confortáveis que nos permitisse liberdade de movimento, sem estampas, assim neutralizando a cor, desta forma não desfocando nossa atenção na execução dos exercícios (um dos primeiros ensinamentos do Encenador/Diretor, Dário Jaime).

A roupa de ensaio é o figurino adotado em toda prática artística. No início houve estranhamento e resistência na aceitação de comportamentos que quebravam o costumeiro ensino tradicional. Aqui, roupa de ensaio, salas sem a organização de mesa do professor à frente e carteiras dos alunos enfileiradas, mas a adaptação do novo, no contexto do teatro, à medida que fora entendida e compreendida era aceita.

Foto 10: Roupas de ensaio – Selma Salvador
Disciplina Exercício da Cena IV – Visualidade (Prof.^a M.Sc. Adriana Cruz)



Fonte: Regeane Maciel

VII

As práticas nos dava a noção do espaço, tempo e lugar em que nos situávamos. Conhecimento do próprio corpo, sendo este nosso instrumento de trabalho. O cuidado conosco e o outro e a consciência de que o fazer do ator é coletivo, ele nunca consegue construir um processo sozinho necessita de colaboradores para idealização da sua criação, e do público para apreciação da sua obra.

No **GTU**, ao praticar exercícios cênicos ou jogos teatrais é comum exercitar o voltar a ser criança num desligamento do seu personagem real para o fictício. A primeira vez que fiz esses exercícios aplicando as técnicas ensinadas foi no processo “**Em Nome do Rio**”, e foi incrível, conseguir na sala de corpo onde a maioria dos ensaios acontecia me transportar à minha infância e experimentar todas as sensações já esquecidas daquela época, eu era criança novamente e alguns colegas como eu alcançaram esse estado imaginativo do ser. “*É exatamente nessa zona, onde toda atividade é presidida pela função do pensamento*”

*imaginativo, que se aproxima o brincar do adulto com o brincar da criança, no jogo continuo de completar essa outra metade que sempre escapa”.*³⁰

No retorno para casa naquele dia, na viagem de uma hora de ônibus de Belém à Cidade Nova, tive a oportunidade de resumir minha vida até então, a partir daí passei a questionar os valores equivocados em relação a inúmeras coisas, adquirir um novo olhar, que só o teatro, a cada trabalho desenvolvido me proporciona essa visão.

VIII

Quando entrei no GTU, a concepção que tinha de Artes Cênicas era empírica, nele tive a oportunidade de conhecer, apreender e fazer teatro adquirindo conhecimentos pedagógicos através do estabelecimento das minhas experiências com o link das diversas vertentes teóricas desta arte. Fui apresentada a teóricos como: Viola Spolin, Bertolt Brecht, e Augusto Boal.

A montagem do processo se desenvolveu num trabalho colaborativo de criação, tendo como base o conto “A Terceira Margem do Rio” cujo texto foi todo fragmentado para a composição de “**Em Nome do Rio**”. Aplicando os ensinamentos apreendidos nos exercícios físico-teóricos, partíamos da visão geral de concepção do espetáculo que seria apresentado ao espectador, depois para a individual em seguida voltávamos para a visão geral desta vez transformada – terceira visão – o que seria a apresentação definida.

As práticas do GTU aconteciam dentro e fora do âmbito escolar, além dos jogos e exercícios em sala e no teatro universitário, ensaiávamos em coretos e arena das praças, em quintais da casa de amigos, desta forma adaptávamos o espetáculo para apresentação em espaços diversificados. Nessas ocasiões o cenário pensado, também era testado, condicionado a nova proposta de possível realização. A esse ponto de desenvolvimento dos processos os grupos já possuíam uma identificação específica. Cada processo possui uma linguagem e uma temperatura própria que o identifica dentro de sua poética. A poética do GTU está na linguagem característica de cada processo (GTU da Tarde, GTU da Noite, GTU Rua), que vai se construindo ao longo dos trabalhos, inicia na sua criação e vai se solidificando, a partir do momento da estreia do espetáculo, essa linguagem se perpetua e então é consolidada sua identidade. O primeiro momento de leitura da linguagem acontece no primeiro encontro dos inscritos para o processo, a energia que emana dos participantes, a prévia perspectiva individual criada sobre o que se espera do trabalho, a curiosidade, a ansiedade e as euforias crescentes e contagiantes soam como música e num dado momento se harmoniza como uma

³⁰ RANGEL, Sônia. Olho Desarmado – Imagem Símbolo, pg. 117, 2009.

melodia, já estabelecendo aí uma identidade. É na estreia com todas as inseguranças, mas todos firmes e determinados em fazer uma ótima apresentação que o Espetáculo é “parido” neste exato momento percebem-se e sente-se toda a Poética do Grupo, que se compõe pela música, luz, sonoplastia, e principalmente energia que emana de todos os integrantes do processo, atores, técnicos, colaboradores e até mesmo o espectador que num dado momento se entrega e integra ao Espetáculo constituindo assim um só corpo. O ápice acontece quando esses elementos se integram harmonicamente na apresentação, e essa harmonia é claramente identificada pelo espectador, ocorrendo então “A magia do Espetáculo”.

O figurino foi um dos primeiros elementos a ser usado. A peça chave nos ensaios. Além da boa qualidade da roupa era imprescindível à adaptação do ator ao vestuário e vice versa, ensaiávamos todo o tempo e o tempo todo molhados, condição que nos transportava ao habitat da história – o Rio. Uma semana antes da estreia passamos um dia inteiro em trabalho de campo, num sítio em Benfica em contato direto com a natureza ensaiando o espetáculo. A saída foi em frente ao Mercado São Brás, onde pegamos o ônibus às 07, duas horas depois quando enfim conseguimos encontrar o endereço, chegamos ao nosso destino. Às 10 horas, eufóricos, começamos as atividades com a exploração e reconhecimento do local.

IX

No contato com a água do igarapé, nosso imaginário nos transportou a realidade ambiental da história “A Terceira Margem do Rio”, as situações, sensações e percepções vivenciadas neste experimento nos deu a dimensão exata do processo construído. Completamente diferente do que ocorria nos ensaios em espaços limitados, aqui tivemos que superar obstáculos: galhos de plantas e barro dentro do igarapé, terreno irregular e longo tempo dentro d’água. Experimentamos cenas adaptando-as ao ambiente, passamos todo espetáculo. Fizemos áudio, filmagem e sessão de fotos. Nos curtos intervalos lanchamos frutas colhidas por nós diretamente das árvores, saboreamos nosso almoço improvisado e compartilhado, na velha cozinha do sítio. No final do dia, comecinho da noite, no retorno aos nossos lares, exaustos, mas felizes fomos no ônibus na maior algazarra comentando nossos feitos.

Um trabalho cansativo, mas muito enriquecedor, o convívio daquele dia, o compartilhamento de experiência, a colaboração mútua nos uniu mais e nos deu mais segurança e confiança no objetivo a ser alcançado, apresentar um ótimo espetáculo.

Foto 11: Espetáculo “Em Nome do Rio” (2010), Grande Elenco – Sítio em Benfica



Fonte: Face book (Acervo do Grupo)

X

Após nosso experimento no sítio, dois dias antes da nossa apresentação nos liberaram o teatro. No primeiro dia todo o cenário foi montado, daí fizemos o ensaio técnico completo: passagem de luz, sonoplastia e colocação dos objetos cênicos – é uma peça ritualística. O dia seguinte fizemos os ajustes finais, principalmente a preparação corporal até atingirmos a energia idealizada do processo (aquela alcançada no trabalho de campo), o espetáculo inteiro foi passado duas vezes.

Foto 12: Espetáculo “Em Nome do Rio” (2010), Grande Elenco – Ensaio Geral
Teatro Universitário Cláudio Barradas



Fonte: Face book (Acervo do Grupo)

Foto 13: Espetáculo “Em Nome do Rio” (2010), Grande Elenco – Ensaio Geral



Fonte: Face book (Acervo do Grupo)

XI

Estreia do Espetáculo “**Em Nome do Rio**”. Esse dia inesquecível foi uma experiência impar. O processo psicofísico começou a ser trabalhado já nos primeiros dias durante a criação colaborativa e intensificado na montagem da peça. Optamos por construir e atingir energia que condissesse com o ritual imaginário do processo. A foto a seguir exprime o sentimento, a sensação e a emoção daquele dia. *“Aqui, o discurso se libera das coerções da teoria. Ocorre à celebração do corpo – em que se agarra o pensamento de sua inevitável, fulgurante desintegração – transmite algo da presença daquele que fala e de sua perturbação”*.³¹

³¹ MERLEAU-PONTY, Maurice. O Olho e o Espírito, pg. 10, 1960.

Foto 14: Estreia do Espetáculo “Em Nome do Rio” (2010), Grande Elenco
Teatro Universitário Cláudio Barradas



Fonte: Face book (Acervo do Grupo)

Fazendo uma analogia com a pintura, a fotografia e o teatro, eu tento explicar ao apreciar esta foto, o fenômeno acontecido naquele exato momento de estreia, o elenco posicionado já em cena, minutos antes da entrada do público, experimentei na mesma dimensão o deslumbre vivido pelo pintor diante de sua criação, sendo aqui teatro, e eu parte viva na composição desta obra.

III Cena

As Vivências no GTU

I

Antes de entrar na academia além do GTU “**Em Nome do Rio**” (2010), participei também, do processo, “Encantados S.A.” (2011), dos Encenadores/Diretores Bárbara Gibson³² e Haroldo

³² **Bárbara Gibson:** Encenadora, Diretora, Atriz, formada pelo Curso Técnico de Formação Atores da ETDUFPA. Graduada em Direito.

França.³³ Baseada no Conto de Fadas “Pinóquio”.³⁴ O Espetáculo conta a história de “Noque” um boneco de madeira que se encanta pelos humanos, curioso se infiltra no mundo deles para conhecer a forma de viverem.

Foto 15: Espetáculo “Encantados S.A.” (2011), Grande Elenco
Teatro Universitário Cláudio Barradas



Fonte: Face book (Acervo do Grupo)

A história trata da fase de transição da criança para a adolescência. Através do menino Noque (Pinóquio), um garoto de 13 anos de idade e seu boneco Gigy, o brinquedo preferido de Noque e também, seu único amigo, companheiro nas brincadeiras e aventuras, motivo pelo qual Noque pré-adolescente é vítima de bullying pelos colegas por ainda brincar com boneco. O enredo se desenvolve numa análise sobre essa passagem de fases na vida do ser humano, onde trabalhando o método das fábulas infantis enfoca os desafios e mudanças que as crianças se deparam nessa transição.

³³ **Haroldo França:** Encenador, Diretor, Ator, formado pelo Curso Técnico de Atores pela ETDUFPA.

³⁴ **Pinóquio:** Pinóquio é um personagem da literatura infantil conhecido em todo o mundo. O livro foi escrito pelo autor italiano Carlo Lorenzini, mais conhecido como Carlo Collodi (1826-1890). Pinóquio é um boneco de madeira de pinhão (em italiano, pinocchio), feito por um marceneiro chamado Gepeto. Toda vez que inventa uma mentira, seu nariz cresce.
<http://escola.britannica.com.br/levels/fundamental/article/Pin%C3%B3quio/483465>

Foto 16: Espetáculo “Encantados S.A.” (2011), Grande Elenco
Teatro Universitário Cláudio Barradas



© Vladimir Koenig

Fonte: Face book (Acervo do Grupo)

Com uma linguagem genuína a peça adaptada nesse processo para os dias atuais, atingiu um público alvo na faixa etária dos 08 aos 80 anos. Através da fantasia o espetáculo possibilita aflorar a criança contida em cada um de nós.

A pacata vida de Noque começa a mudar quando ele se dá conta de que algo muito estranho está acontecendo bem embaixo do seu nariz: o professor de química uiva como um lobo, uma senhora oferece maçãs envenenadas para as pessoas na vizinhança e um colega de classe caminha como se fosse um pato. Acompanhado por seu fiel companheiro Gigy, Noque começa a investigar estes fatos curiosos até encontrar a chamada OSSEAPEPROFOSOE – Organização Secreta dos Seres Encantados Aliados Pela Proteção da Fantasia ou Simplesmente Encantados S.A. – que muda sua vida para sempre.

Texto: Leandro Oliveira³⁵

Adaptação: Bárbara Gibson

³⁵ **Leandro Oliveira:** Curso Técnico de Ator – Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará.

DIVERSÃO GARANTIDA

“Encantados S.A.” volta ao palco

Espectáculo que resgata contos de fadas com humor está no Teatro Cláudio Barradas

DA REDAÇÃO

Não é só na nova safra de filmes juvenis e nas séries de TV que os contos de fada estão sendo redescobertos. Seguindo a mesma premissa que embala o seriado norte-americano “Once Upon a Time” e a série de quadrinhos “Fábulas”, o Grupo de Teatro Universitário traz ao palco do Teatro Cláudio Barradas o espetáculo “Encantados S.A.”, que brinca com personagens clássicos de contos infantis transportados para o dia a dia de todos nós.

Na trama - que está há quatro anos em cartaz alternando curtas temporadas e agora volta à cena até domingo -, o público descobre que os seres de contos de fada estão infiltrados por toda a parte. Chapeuzinho Vermelho pode frequentar os mesmos lugares que você, travestida de pessoa comum, enquanto a Bela Adormecida pode ser a vizinha ao lado. Assim como aquele professor estranho pode ser o Capitão Gancho disfarçado.

A história é assinada e dirigida pela dupla Bárbara Gibson e Haroldo França, e gira em torno de Noque, um garoto de 13 anos que é oprimido pelos colegas por ainda brincar com bonecos. Gigy, seu brinquedo preferido, é também seu único amigo, e com ele o garoto compartilha suas descobertas, angústias e vivências. Mas a vida de Noque começa a mudar

quando ele se dá conta das coisas estranhas que acontecem ao seu redor: seu professor de química uiva como um lobo, sua vizinha oferece maçãs para as pessoas na rua e uma colega de turma sempre está com doces para levar para sua avó adoentada. Ele passa a investigar até encontrar a “Organização Secreta dos Seres Encantados Aliados Pela Proteção da Fantasia Ou Simplesmente, Encantados”.

Segundo o dramaturgo e diretor Haroldo França, hoje radicado em São Paulo, o espetáculo é diversão garantida para as crianças, mas especialmente para os adultos. “É uma metáfora do crescimento, uma homenagem às crianças que todos já fomos, e que de alguma forma ainda somos. O espetáculo tem um humor incrível e é especial”.

Bárbara Gibson, que assume a direção desta vez, explica que mesmo quem já viu “Encantados” vai encontrar novidades. “A cada temporada a gente muda bastante coisa, do corpo de atores a cenas inusitadas. É um espetáculo que está atento ao seu

ELENCO

Alice Bandeira, Allyster Fagundes, Antônio Júnior, Camilo Sampaio, Cássio Di Freitas, Diego Benício, Douglas Henrique, Erlon Viegas, Fábio Lima, Judite Torres, Leandro Oliveira, Lúzia Imbiriba, Nazareth Menezes, Nilton Cezar, Rejane Sá, Renato Ferber, Roberta Proença, Sandro Mauro, Selma Salvador, Sofia Lobato, Terezinha Gentil, Thainá Chermelo e Valéria Lima.

CAIA NA FANTASIA

Espectáculo “Encantados S.A.”
Quando: De hoje até o dia 29
Hora: 20h (hoje e amanhã) e às 17h e 20h (sábado e domingo)
Onde: Teatro Universitário Cláudio Barradas (Rua Jerônimo Pimentel, 546, quase esquina com Dom Romualdo de Seixas)
Quantos: Ingressos antecipados a R\$10 e na bilheteria do teatro a R\$20 (meia R\$10)
Informações: 8202-0567, 8095-9336 e 8152-2994



Personagens de contos de fadas famosos são revisitados no enredo da peça que retorna aos palcos e que, segundo os diretores, agradará em cheio a adultos e crianças.

Sucesso de público e bilheteria o Espectáculo “Encantados S. A.”, desde sua estreia em 2011, continua encantando os amantes de Teatro na Cidade de Belém.

Jornal Diário do Pará (2014)

II

No ano seguinte lá estava eu em um novo processo do GTU “Ao Vosso Ventre”, projeto dos alunos Encenadores/Diretores Kauan Amora³⁶ e Rodolpho Sanchez³⁷ este último responsável pela dramaturgia. A peça baseada na obra “Eu Sempre Vou Te Amar” do escritor português Daniel Sampaio,³⁸ conta a história do amor incondicional de uma Mãe pelo seu único Filho e, a luta dessa mãe na aceitação da homossexualidade do filho. Numa narrativa comovente o espetáculo aborda a maneira como a família e a sociedade tratam a questão da diferença de sexos. Vítima de preconceitos na maioria das vezes por ignorância, o ser humano nessa condição se torna vulnerável, e é colocado em posição de risco em decorrência da violência.

³⁶ **Kauan Amora:** É Doutorando em História Social da Amazônia (IFCH/UFPA). Mestre em Artes (ICA/UFPA). Licenciado em Teatro e Ator formado pelo Curso Técnico de Formação de Atores da ETDUFPA.

³⁷ **Rodolpho Sanchez:** Licenciado em Teatro pela ETDUFPA.

³⁸ **SAMPAIO, Daniel.** Psiquiatra e Escritor português. Autor do Livro Eu Sempre Vou Te Amar, Editora Gente, 2005.

Foto 17: Espetáculo “Ao Vosso Ventre” (2012)
Atores em cena: Selma Salvador e Richard Callefa
Teatro Universitário Cláudio Barradas



Fonte: Face book (Acervo do Grupo)

Com uma narrativa inversa, o espetáculo inicia-se quando o filho, adolescente ou jovem adulto (isto dependerá da leitura do espectador), revela à própria mãe a sua sexualidade e termina no que seria o começo dessa relação mãe-filho. “Foi uma decisão do Grupo”. Fazemos uma alusão ao texto do Charles Chaplin, que disse uma vez que a vida deveria acontecer em ordem inversa: “deveríamos primeiro morrer para depois nascer” afirma Kauan Amora.

Fonte: Jornal Liberal (2012)

Foto 19: Espetáculo “Ao Vosso Ventre” (2012) – Grande Elenco
Teatro Universitário Cláudio Barradas



Fonte: Face book (Acervo do Grupo)

O Espetáculo “Ao Vosso Ventre”: “E se a vida acontecesse de outra forma?” Dirigido por Kauan Amora e montado pelo Grupo de Teatro Universitário da Escola de Teatro e Dança da UFPA – GTU/ETDUFPA –, tem como ponto inicial e principal o relacionamento entre mãe e filho, a partir do momento em que este revela a sua homossexualidade para ela.

Fonte: Jornal Liberal (2012)

III ATO

O FAZER TEATRAL

I CENA

O Processo Seletivo Vestibular 2013

I

Antes de me aventurar em fazer teatro num âmbito escolar, refletir muito, sabendo que iria conviver com jovens e que o conflito de gerações seria inevitável em razão das nossas opiniões na forma de sentir e enxergar o mundo, mas a oportunidade de realizar um antigo sonho que não conseguir concretizar aos 18, nem aos 21, nem aos 30, nem aos 40, nem aos 50 anos foi maior que os meus temores. Essa possibilidade surgindo somente na maturidade, aos 59 anos, com filhos crescidos e neto nascendo. Apostei no respeito mútuo entre as pessoas, independentemente de qualquer situação. Às minhas preocupações agora, se adicionavam as do tempo de juventude, quando os estudantes de artes principalmente do teatro eram marginalizados, discriminado e inferiorizado em comparação as das profissões “ditas nobres”: Direito, medicina e engenharia.

II

Lembro-me que em janeiro de 1973, quando na fila de inscrição para a seleção do vestibular, com documentos em mãos e ficha corretamente preenchida: 1ª opção – Curso de Bacharelado em Teatro. 2ª opção – em branco, segura que estava da minha decisão, apesar da consciência pesada ao pensar em minha família, como contribuir financeiramente fazendo Arte e o preconceito que eles teriam de enfrentar com uma parenta estudante da Escola de Belas Artes. Rasguei a ficha preenchida e solicitei outra na banca alegando que havia rasurado a anterior. Preenchi a nova ficha com um sentimento de heroína morta: 1ª opção – Direito; 2ª opção – Psicologia (esta na esperança de vir entender melhor as pessoas). Para felicidade de todos, menos do Meu Pai (embora concordando com minha decisão), por saber que eu estava “abrindo mão” de um sonho.

III

Hoje o preconceito persiste e insiste com uma nova roupagem bordada de dissimulação, falsidade e hipocrisia. Não somos Prostitutas disfarçadas de Estudante de Teatro ou Artistas, somos estudantes que por causa da pontuação menor determinada nas provas de seleção do vestibular, escolhemos fazer arte, uma profissão com escassez de mercado de trabalho, que não é devidamente reconhecida e que “não dá dinheiro”.

O GTU foi o indutor para continuar a buscar o meu sonho de fazer teatro, tendo vivenciado o processo “**Em Nome do Rio**”, me vi a frente de uma estrada que me apontava diversas perspectivas, tornando-me impossível interromper essa caminhada.

Após 38 anos de realização de o meu primeiro vestibular – Bacharelado em Direito da UFBA em 1973 – decidir fazer o processo seletivo para o Curso de Licenciatura Plena em Teatro. Em meados de outubro de 2010, já com a experiência de “**Em Nome do Rio**” me submeti ao exame para ingresso na faculdade. Naquela ocasião o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), para alguns cursos era facultativo, mesmo tendo pesquisado, devido informações falhas, assim como outros candidatos, entendi que para Artes também, seria dispensável. Cumprir todas as etapas exigidas no vestibular, concluindo com êxito as provas inclusive a de habilidade artística, sendo reprovada no certame por não ter realizado o ENEM.

IV

No ano seguinte, enquanto participava do GTU “Encantados S.A.” novamente me inscrevi para o vestibular, desta vez atenta a todas as etapas do exame de seleção. Estudei as matérias em que encontrei dificuldade na tentativa anterior, enquanto aguardava ansiosa a dias de realização das provas.

Prova do ENEM, ficha na mão, sair de casa (Cidade Nova), duas horas antes do horário de realização do certame, num percurso que normalmente seria de uma hora para a chegada ao local indicado na ficha de inscrição “Colégio Estadual Nossa Senhora de Belém”, Bairro Batista Campos (centro de Belém). Na metade do caminho caiu uma chuva torrencial, um engarrafamento infernal, a cidade parou. Desci do ônibus, acompanhada por outros passageiros e andando entre os carros congestionados disputei (sem êxito) com outras pessoas uma moto taxi.

Tentando escapar da confusão, debaixo de toda aquela chuva, enxerguei próximo a mim uma moto taxi parada, subi na garupa implorando para o motoqueiro que me levasse até o local da prova, ele disse o preço e saímos com dificuldade driblando o trânsito caótico. Depois de ultrapassarmos inúmeros obstáculos, num tempo que me pareceu uma eternidade, chegamos finalmente ao endereço, no lado oposto da rua lá estava o “Colégio Estadual Nossa Senhora de Belém”, entre nós uma imensa lagoa. Tivemos que enfrentar outro congestionamento no contorno da rua para chegarmos ao nosso destino. Num pulo saltei da moto, entreguei o dinheiro da corrida ao rapaz, atravessei a rua correndo e atônita vi a poucos passos de distância o portão do colégio sendo fechado! PERDI O ENEM!

V

Outra tentativa, final de 2012 quando participava do GTU da Tarde “Ao Vosso Ventre” e fazia à noite o Curso Técnico de Arte Dramática, no Colégio Estadual Anísio Teixeira, me inscrevi para o Processo Seletivo Vestibular 2013. Finalmente aprovada no Curso de Licenciatura Plena em Teatro da Universidade Federal do Pará, sendo surpreendida com a invasão dos amigos em minha casa para celebrar o acontecimento.

VI

O ano de 2013 para mim foi mágico, porém bastante atarefado, tive que “conciliar”: Família, trabalho, conclusão do Curso Técnico em Arte Dramática, GTU “Animalismo – A Nova Ordem Mundial” e o Curso de Licenciatura Plena em Teatro. Passei a acordar mais cedo (às 06 horas), cuidava dos afazeres de casa, as 09h30min. advogava até às 12 horas, daí almoçava correndo (quando dava tempo), das 13h até às 15 horas no GTU, então já ficava na Escola porque não dava para ir até em casa na Cidade Nova e voltar a tempo do horário do começo das aulas, às 18h30min. O processo **GTU** desse ano havia iniciado um mês e meio antes da graduação.

Foto 20: Espetáculo “Animalismo A Nova Ordem Mundial” (2013), Grande Elenco
Ensaio Geral – Véspera da estreia na sala 05



Fonte: Face book (Acervo do Grupo)

Baseado na obra “A Revolução dos Bichos” do escritor inglês George Orwell.³⁹ Com a direção do aluno Encenador/Diretor Marcelo Andrade,⁴⁰ “Animalismo – A Nova Ordem Mundial” é uma história de opressão, em que os animais trabalham com escravos para o Sr. Jones, dono deles e da fazenda onde vivem. Devido aos maus-tratos os animais se organizam e deflagram a Revolução.

Foto 21: Estreia Espetáculo “Animalismo – A Nova Ordem Mundial” (2013), Grande Elenco Teatro Universitário Cláudio Barradas



Fonte: Face book (Acervo do Grupo)

³⁹ **ORWELL, George:** É o pseudônimo de Eric Arthur Blair, natural da Índia, nascido em 1903. A Revolução dos Bichos, foi publicada em 1945, no início da Segunda Guerra Mundial, é considerada a obra de maior importância e popularismo de George Orwell, jornalista, escritor inglês e crítico ao sistema socialista.

<http://educacao.globo.com/literatura/assunto/resumos-de-livros/a-revolucao-dos-bichos.html>

⁴⁰ **Marcelo Andrade:** Marcelo Alberto Andrade Gomes. Graduado em Teatro pela Universidade Federal do Pará (2017). Ator, pelo Curso Técnico de Formação de Atores pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (2011). Um dos fundadores do Grupo Teatral Os Varisteiros em 2012, diretor e encenador teatral da Cidade de Belém.

Os teóricos Augusto Boal – Teatro do Oprimido e Bertolt Brecht ⁴¹ – Distanciamento, serviram como embasamento na construção desse processo. E é com a vivência contínua no GTU que entro no universo da vida acadêmica.

II Cena

O Fazer Teatral e a Formação Acadêmica

I

Ao iniciar o curso precisei mudar totalmente minha vida. Era difícil naquele momento trabalhar com outra coisa que não o teatro. Ao entrar na academia muitas oportunidades de estágios foram surgindo, até que precisei conciliar com o trabalho da advocacia, as montagens do GTU e a Licenciatura.

Primeiro dia de aula da graduação, Disciplina Trajetória do Ser, com Prof. M.Sc. Alberto Silva.⁴² Cheguei à escola minutos antes do horário de início da aula, juntei-me a turma em frente à sala 04, cumprimentei antigos conhecidos e me apresentei aos desconhecidos, a cada cumprimento ou apresentação me perguntavam:

- Por que resolveu fazer teatro só agora?

Surpresa com a indagação deles respondia encabulada, com outra pergunta:

- Sim, e por que não?

Eles riam com a minha resposta. Na sala de aula sentados no chão em círculo com quase totalidade da turma presente, começamos uma dinâmica de apresentação sugerida pelo professor que se apresentou e a partir da sua direita cada aluno fazia o mesmo, respondendo algumas perguntas (profissão, como chegou até ali, porque a escolha deste curso), na minha vez além dessas perguntas, surgiu novamente:

- Por que resolveu fazer teatro só agora?

Todos me olharam aguardando a resposta. Naquele momento me dei conta do significado da indagação, eles estavam se referindo a minha idade. Respondi ao professor e a todos:

- Porque este é meu tempo oportuno de fazê-lo. E complementei a resposta - morre-se criança, morre-se adulto, morre-se velho e morre-se até mesmo antes de se nascer, como não sei quando vou morrer, resolvi realizar mais um sonho enquanto estou viva.

⁴¹ ANJOS, André dos *apud* RIZZO, Geraldo Nunes Vieira. *Ator e Estranhamento: Brecht e Stanislavski, segundo Kusnet*. 2ª Edição. São Paulo: Editora SENAC, 2004.

⁴² ALBERTO SILVA: Alberto da Cunha e Silva Neto. Mestrado em Artes pela Universidade Federal do Pará, (2012). Professor Assistente Nível 1 da Universidade Federal do Pará. Especialista em Estudos Contemporâneos do Corpo. É ator, diretor, encenador e professor da ETDUFPA.

Fez-se silêncio, Alberto riu compreensivo e prosseguiu com o jogo.

A licenciatura seguia seu curso normal e vez ou outra em sala de aula eu tinha que lutar contra discriminação, mas me mantinha firme no propósito de seguir em frente com o meu sonho. No cumprimento das atividades práticas, por exemplo, eu exercitava o autocontrole quando se fazia necessário, para não ser a primeira ou a última a me atirar na execução das tarefas, segurava a euforia e/ou a ansiedade, provocadas pelo desejo de me “livrar ou retardar” a obrigação e só a executava com a certeza do esmero em minha realização. O preconceito persistiu, porém as atitudes e perseverança nas minhas ações fizeram conquistar o respeito da maioria dos colegas e dos professores e até mesmo admiração de alguns.

A pergunta ocorreu em diversas outras ocasiões, eu sempre dando a mesma resposta, até não ouvi-la mais, prefiro acreditar que me entenderam.

Assim como a pergunta insistente, o ser humano que é considerado diferente por qualquer contexto social, é insistentemente considerado também, desigual.

De acordo com o educador Paulo Freire *Paulo Freire*⁴³, a desigualdade é uma relação bilateral de um lado encontra-se o opressor, que é o indivíduo desumanizado, que se considera ser mais. Aquele que para manter seus interesses e poder impõe regras sobre o oprimido que está do lado oposto dessa relação, é considerado ser menos pelo seu oponente e em determinadas situações em frente ao opressor, detentor do poder econômico, o próprio oprimido se enxerga ser menos. Para equilibrar essa situação só a educação, e nela encontra-se o professor que é o ápice dessa transformação, ele que já não é mais o detentor e transmissor do conhecimento, nesta nova pedagogia ele deixa de ser a figura autoritária e passa a ser a autoridade orientadora numa relação horizontal de troca de conhecimento, onde o aluno aprende com o professor e este aprende com o aluno mediado pelo mundo que compartilham. A educação é o caminho para o indivíduo se libertar do poder de dominação das classes mais abastadas, é através do conhecimento reflexivo de si mesmo e do lugar que ocupa na sociedade e no mundo que o homem chegará a uma sociedade igualitária almejada, e esse desejo deixará de ser utopia para ser um sonho real.

Na turma eu e mais meia dúzia de colegas éramos “diferenciados”, no meu caso pela idade e ideias, outra colega pela timidez, outros pelas atitudes e comportamento em defesa de suas

⁴³ **FREIRE, Paulo.** Foi um educador brasileiro, criador do método inovador no ensino da alfabetização, para adultos, trabalhando com palavras geradas a partir da realidade dos alunos. Seu método foi levado para diversos países. Por seu trabalho na área educacional, Paulo Freire foi reconhecido mundialmente. É o brasileiro com mais títulos de Doutor Honoris Causa de diversas universidades, são 41, ao todo, entre elas, Harvard, Cambridge e Oxford. Nasceu no Recife - Pernambuco, no dia 19 de setembro de 1921 e faleceu em São Paulo, no dia 2 de maio de 1997.

<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/742/581>

opiniões, isso ficava claramente visível quando dá formação de grupos para realização de alguma atividade disciplinar, ficávamos sempre de fora, algumas vezes fazia-se necessário a interferência do professor da tarefa em questão para resolver o problema. Situação que se tornou recorrente durante quase todo o curso, só no final após diversos protestos nossos e o assunto inclusão virar “moda” na escola, houve uma amenizada, e todos convivemos socialmente. Ocorrerá *“inclusão social, onde cada qual será capaz de se reconhecer como seres-sujeitos da transformação, o que implicará aos poucos, na conquista de seus espaços”*.⁴⁴ A ação do educador neste contexto vai além da solução imediata de uma situação, serve de ensinamento e reflexão para o aluno identificar e analisar seus conceitos e posicionamento como futuro professor e ser humano inserido na sociedade e num mundo globalizado. *“A comunhão com as diferenças é mais do que um simples ato de tolerância, é a afirmação de que a vida se amplia e se enriquece na multiplicidade. Ser diferente não significa mais ser o oposto do normal, mas apenas “ser diferente”. Este é, com certeza, o dado inovador: o múltiplo como necessário, ou ainda, como o único universal possível”*.⁴⁵

II

Outro momento positivamente marcante para mim foi quando conheci os livros da Diretora Teatral e Professora Norte Americana Viola Spolin, a partir da tríade “Onde, Quem e O que”. Para a Autora: *“Muitas descrições dos jogos utilizam os Onde, Quem e O que. Os termos teatrais, cenário, personagem e ação de cena limitam os jogadores a sua situação teatral. A utilização de Onde, Quem, e O que, conduz os jogadores de forma não verbal para o mundo exterior de ambiente, relacionamento e atividade do universo cotidiano”*.⁴⁶

Segundo Viola, ao introduzir estes elementos propomos discursões e questionamentos entre os próprios alunos (o que é aplicado no GTU), assim eles ganham ainda mais autonomia para construir suas propostas cênicas. A experiência prática, e o ensinamento teórico completa o aprendizado do aluno. Há necessidade de disciplinas que dialogam com a prática em sala de aula ao longo da formação: De acordo com o relato dos alunos, são poucos os professores das Disciplinas práticas, tais como os Exercícios da Cena entre outros, que expressam claramente o vínculo de uma dada técnica teatral com a educação. Isto é, o modo como àquela atividade

⁴⁴ MARQUES, Luciana Pacheco e ROMUALDO, Anderson dos Santos *apud* PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA – UFJF, SEE/MG.

⁴⁵ MARQUES, Luciana Pacheco *apud* MARQUES, Marques. Cotidiano escolar e diferenças – A comunhão com as diferenças, pg.17, 2003.

www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/10/Cotidiano-escolar-e-diferencas.pdf

⁴⁶ SPOLIN, Viola. Jogos Improvisacionais, págs. 47 e 48, (2001).

artística e seus objetivos pedagógicos que está sendo vivenciada pelo licenciado, poderá se realizar na sala de aula, tanto no âmbito da educação formal como não formal. A situação enfrentada nesta relação ensino/aprendizagem, na licenciatura, considera que cabe ao aluno a responsabilidade de organizar tais conhecimentos e o desenvolvimento da prática pedagógica para seus futuros alunos – adolescentes e jovens. Nesse contexto há divergências entre minha vivência enquanto atriz (**GTU**) e professora de teatro em formação uma vez que naquele o direcionamento é dado pelo o aluno encenador/diretor responsável pelo projeto e, os ensinamentos técnico/teórico e prático complementam-se e completam-se entre si na composição do aprendizado do participante. No academia a teoria em algumas disciplinas não dialogava com a prática, dificultando assim o entendimento e desenvolvimento das atividades. E as poucas disciplinas em que a teoria e a prática convergem, o tempo para elaboração das atividades não é o suficiente para o aprendizado almejado.

Trago aqui a observação do Professor Mestre Edson Fernando⁴⁷ da Disciplina Sistemas do Pensamento Teatral,⁴⁸ diante da dificuldade da turma em escrever a prática, ou seja, passar a prática que desenvolvemos para o papel: *“Não entendo a dificuldade de vocês em escrever o artigo sobre o processo que vocês elaboraram”*.

Observo nessa fala muitas semelhanças com as mencionadas nas Disciplinas História do Teatro no Pará e TCC I como também, em outras em diversas ocasiões durante minha trajetória enquanto futura professora.

Venho traçando Narrativas de uma História de Vida com as Artes Cênicas no **GTU** e na Academia procurando a todo tempo me apropriar das práticas de atriz do **GTU**, eu em sala de aula e nos estúdios, transportando-as para o contexto diverso de comunidades escolares. Por ter vivido esta situação, elas me remetem a refletir sobre uma memória que diz respeito a minha experiência de aprendizagem na escola como aluna. Como eu compreendia o fazer daqueles alunos. As aulas não eram apenas uma transposição de técnicas de artista para

⁴⁷ **Edson Fernando:** Edson Fernando Santos da Silva. Bacharelado e Licenciado Pleno em Filosofia pela Universidade Federal do Pará – UFPA (2001); Especialista em Semiótica e Artes Visuais pelo Instituto de Ciências das Arte ICA – UFPA (2005); Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Ciências das Arte ICA – UFPA (2009/2010). Doutorando do Programa DINTER UFPA/UFGM. Curso Técnico de Formação de Ator da Escola de Teatro e Dança da UFPA (1999/2000). Professor do Magistério Superior da UFPA- ETDUFPA. Atuante na cena teatral paraense desde 1996.

⁴⁸ **Disciplina Sistema do Pensamento Teatral:** Plano de Curso – Emenda: **Metodologia:** A disciplina adotará os seguintes procedimentos metodológicos: 1 – Seminários Temáticos conduzidos pelo Docente; 2 – Acompanhamento e Orientação de Processo Criativo para elaboração de uma Cena – Demonstração pelos Discentes; **Avaliação de Aprendizagem:** A disciplina adotará os seguintes procedimentos de avaliação: 1 – Elaboração de uma Cena – Demonstração tendo como fundamentação a poética de um dos reformadores do teatro no Século XX trabalhados em sala de aula (3,0 Pontos); 2 – Defesa Oral da Cena – Demonstração (3,0 Pontos); 3 – Produção de um artigo, o qual versará sobre a Cena – Demonstração criada, em direta relação com os autores eleito para refletir sobre o teatro do Século XX – fundamentação teórica da cena (4,0 Pontos); OBS. 1: Para realização do trabalho os alunos deverão se organizar em grupos de no mínimo dois e no máximo quatro participantes; OBS. 2 – Cada Cena – Demonstração deve ter no mínimo 05 e no máximo 15 minutos; OBS. 3 – O prazo final para o envio do artigo finalizado será 31 de agosto de 2016, PARA TODOS OS GRUPOS; **Horário de Atendimento:** 18:30 às 21:50 horas.

<https://sigaa.ufpa.br/sigaa/ava/index.jsf>

estudantes da educação básica e pessoas da terceira idade, era para todos envolvidos inclusive eu, uma nova forma de ensinar e aprender.

Ao pensar na teoria e metodologia que orientam este trabalho, que é a Memória de Vida, o encontro com o GTU e a Formação de uma Professora de Teatro, que reflito sobre a arte de fazer arte e a arte de ensinar arte.

Cito alguns pontos comuns de divergência entre o Fazer Teatral e o Fazer Acadêmico:

Fazer Teatral

Prática/teoria

Inclusão

Prática condiz com a teoria

Atividade auxiliando o processo

Equilíbrio entre prática e teoria

Visão geral do processo

Atividades dialogam entre si

Fazer Acadêmico

Teoria/prática

Competição

Teoria não condiz com a prática

Atividade dificultando o processo

Desequilíbrio entre teoria e prática

Visão parcial do curso

Disciplina não dialogam entre si

Foto 24: Licenciatura em Teatro – Turma 2013
Final da Disciplina Exercício da Cena IV – Visualidade. Sala 05, abril (2017)



Fonte: Prof.^a Mestra Adriana Cruz

III

A metodologia aplicada e a abordagem teórica utilizada no **GTU** foram outras contribuições importantes na formação acadêmica. As atividades disciplinares envolvem sempre pesquisas que se fazem necessárias nas execuções de exercícios e criação de projetos, muitos dos teóricos indicados já eram nossos antigos conhecidos, nos foram apresentados durante os processos do **GTU**, o que facilitou na compreensão, no entendimento e desenvolvimento das tarefas. Durante as improvisações que realizávamos os atores que tinham experiências anteriores ou eram alunos do Curso Técnico em Ator da ETDUFPA, demonstravam o que se pode chamar de uma “inteligência cênica”.⁴⁹

Ficava admirada com a atenção ampla que eles tinham a tudo que acontecia em cena, além de atuar com excelência, havia da parte deles uma percepção e um raciocínio rápido no andamento da improvisação, a atenção parecia nunca estar autocentrada. Ao longo do convívio com aquela turma do **GTU**, conheci outro lado do fazer teatral, que teve influência direta na minha escolha de ingressar na Licenciatura. As experiências vivenciadas no Grupo auxiliaram muito na convivência em sala de aula e na Escola como todo, me deu reconhecimento e consciência do nosso espaço como discentes, isso só foi possível em decorrência dos processos vivenciados serem desenvolvidos coletivamente, dentro de um trabalho colaborativo onde todos tinham integradamente, funções definidas dentro do grupo, seu exclusivo e inclusivo que é ação fundamental das Artes.

Durante o curso acadêmico me mantive no Grupo Zeca, projeto do meu colega de turma Leandro Ferreira,⁵⁰ o último projeto do **GTU** que participei onde tive a oportunidade de conhecer algumas cidades do nosso País, em apresentações nos festivais estudantis.

A peça foi originada a partir de uma atividade da Disciplina Antropologia em que eu e meus colegas de turma Leandro Glauco Ferreira da Conceição e Vanessa Franco de Sá Farias,⁵¹ desenvolvemos num trabalho de campo na Comunidade do Riacho Doce,⁵² onde residia Leandro. Este filmou a distribuição de cestas básicas no Bairro, num dia de sábado próximo ao natal, que resultou no conto Cestas de Sábado, autoria do referido colega e, que o inspirou na criação do Espetáculo “Zeca de Uma Cesta Só”.

⁴⁹ **Inteligência cênica:** São aquelas inteligências específicas que tomam forma em nosso trabalho, tanto em sala de ensaio, enquanto prática e treinamento; quanto em cena, enquanto fisicalidade, estado de atuação. (Ronaldo Ventura).
<http://projetopotencia.org/inteligencias-cenicas/>

⁵⁰ **Leandro Ferreira Glauco da Conceição:** Mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Pará em 2013. É ator, Técnico em Artes Dramáticas, professor, diretor, encenador, dramaturgo e produtor teatral.

⁵¹ **Vanessa Franco de Sá Farias:** Atriz, Técnica em Artes Dramáticas, Graduanda do Curso de Licenciatura em Teatro pela ETDUFPA.

⁵² **Riacho Doce:** Comunidade do Riacho Doce situado no Bairro do Guamá, periferia de Belém do Pará.

Foto 23: Estreia do Espetáculo “Zeca de Uma Cesta Só” (2014)
Atores em cena: Rafaelle Siqueira, Miller Santos, Selma Salvador e Brenda Lima
Teatro Universitário Cláudio Barradas



Fonte: Face book (Acervo do Grupo)

Baseado no Teatro do Oprimido ⁵³ de Augusto Boal, ⁵⁴ o Espetáculo conta a história de Zeca, mãe solteira de três filhos, moradora do Riacho Doce, em um dia de distribuição de cestas básicas no período natalino.

O Espetáculo “Zeca de uma Cesta Só” surgiu de forma experimental no Grupo de Teatro Universitário da UFPA, coordenado pela Professora Doutora Olinda Charone e pelo Professor Mestre Paulo de Tarso⁵⁵, a partir da observação da realidade do Bairro do Guamá, e das aulas de formação cidadã e teatral.

Dominil Giusti/Diário do Pará – online (12/03/2014)

⁵³ **Teatro do Oprimido (TO):** O Teatro do Oprimido é um método teatral que reúne exercícios, jogos e técnicas teatrais elaboradas pelo Teatrólogo brasileiro Augusto Boal. Criado nos anos de 1960 pretende usar o Teatro como ferramenta de trabalho político, social, ético e estético, contribuindo para a transformação social. Augusto Boal/Por Joana Cruz. Livro A Estética do Oprimido, pag. 16 e 17.

⁵⁴ **BOAL, Augusto:** Augusto Pinto Boal, Teatrólogo brasileiro foi a principal liderança do Teatro de Arena de São Paulo, na década de 1960. Criou o “Teatro do Oprimido”, metodologia que une teatro e ação social. Seu trabalho tornou-se conhecido internacionalmente sendo até atualidade usado no mundo teatral.

⁵⁵ **Paulo de Tarso Nunes dos Santos Junior:** Possui graduação em Artes Cênicas- Habilitação Cenografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000). Atualmente é coordenador do de estágio da graduação em Teatro da Universidade Federal do Pará, Coordenador do Grupo de Teatro Universitário - GTU. Mestre em Arte Pela UFPA. Professor titular da Universidade Federal do Pará. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Teatro de Rua, atuando principalmente nos seguintes temas: teatro, cenografia, artes plásticas.

Foto 24: Temporada do Espetáculo “Zeca de Uma Cesta Só” (2015)

Atores em cena:

Brenda Lima, Assucena Pereira, Murílio Olegário, Raimunda Santos e Rafaelle Siqueira
Teatro Universitário Cláudio Barradas



Fonte: Face book (Acervo do Grupo)

A vida cotidiana dos moradores da Comunidade Riacho Doce, situada no Bairro do Guamá, periferia da Cidade de Belém do Pará, foi inspiração para a montagem do Espetáculo.

Personagem principal do espetáculo teatral “Zeca” ilustra a situação de vulnerabilidade social em que se encontram as mulheres nessa condição, geralmente negras, pobres e sem muita escolaridade. Sua rotina é colocada no palco como forma de protesto e como movimento político na arte para que se abordem temas sociais.

Jornal Diário do Pará (2015)

epÍLOGO

EPÍLOGO

Tudo começou a partir desta premissa passada para mim e meus irmãos pelo nosso Pai.

“O mundo é um grande palco e todas as pessoas do mundo são atores, nós vivemos todo o tempo e o tempo todo representando a vida. Viver é uma Arte minha filha, aprenda a Arte de Viver”.

Joaquim Ferreira dos Santos

E tendo toda minha existência sendo permeada pelo teatro, norteadas desde criança por esta premissa, as histórias contadas pelos meus antepassados e as referências culturais do Barrio da Liberdade situado na Cidade de Salvador-Bahia, a arte está de forma natural em meu destino, porque é através dela que enxergo melhor a vida.

A exemplo de um espetáculo teatral, as histórias de vida muitas vezes contada, mas nunca repetida, sempre renovada pelas percepções, sensações e emoções experimentadas por quem as conta e por quem as ouve.

Portanto a experiência de estar em cena sempre será consequência, quando vivemos vários processos criativos e contribuimos na sua construção.

Este trabalho é focado na Minha História de Vida, no Meu Fazer Teatral e como o meu encontro com o Grupo de Teatro Universitário (GTU), contribuiu na minha construção de Atriz e formação de Professora de Teatro.

O relato da minha vivência no **GTU** tem como objetivo mostrar a importância deste no meu processo de construção artística, professora de teatro e também, de transformação de vida na utilização e resgate de sentidos e sentimentos muitas vezes desfocado e destoados no viver cotidiano do ser humano. No encontro e convívio diversificado de pessoas, situações e acontecimentos, experimentos e renovação de emoções em busca de melhor qualidade de vida. As situações que vivenciei em **“Em Nome do Rio”** e nos outros processos em que participei me fizeram me enxergar e enxergar a sociedade em que vivo, além do que antes eu só via no meu constante viver do dia a dia, mesmo eu sendo parte desse cotidiano. Passei a enxergar e não só ver o outro e, ao enxergar o outro, me enxergar também, como gente, como pessoa com erros, acertos e sentimentos iguais e comuns. E isso advém da premissa do Meu Pai quando a semente artística foi plantada, embrionada, a florada e sempre regada na práxis dos acontecimentos e situações vivenciadas. No aprendizado proporcionado pelo privilégio de

ter nascido e crescido na Cidade de Salvador, no “Bairro da Liberdade, berço da civilização brasileira, onde se concentra até hoje o maior número de Negros do País”.

A necessidade de tomar decisões, fazer escolhas e seguir adiante em diversos recomeços fizeram do teatro meu amuleto de vida. Narro a minha trajetória de vida com a “*difícil tarefa de olhar com os próprios olhos*”,⁵⁶ e é debruçando sobre mim mesma que faço esta caminhada.

Recomeçar tornou-se um ato comum para mim, o primeiro aos 10 anos de idade, quando da minha ida para o colégio interno, lá eu me desmontei e tive que me reconstruir. Meu Pai e o teatro foram os meus aliados, me deram condições de superar a saudade da família e dos amigos, sobrevivendo num novo, desconhecido e hostil cenário, onde o “*bullying*” era “brincadeira normal”, aprendi muito com essa experiência, me fez aguçar ainda mais o meu sentido de justiça.

No retorno ao convívio familiar após quatro anos de internato me vi diante de outro recomeço, a readaptação com a família e com uma nova realidade. O meu mundo (meu lar) havia mudado, tive a sensação de ter parado no tempo, vivi no colégio interno uma vida completamente diferente daquela que então se apresentava para mim. Meus irmãos e as outras crianças desse novo convívio eram desinibidos, “espertas”, conectadas com a televisão, estavam num tempo real ditado pelas programações televisa: informações, moda, comportamento – o que se devia comer, vestir, frequentar, comprar e se relacionar – eu vinha de um universo onde televisão não existia.

Acredito que foi naquela época que comecei a me tornar uma pessoa tímida. No curso ginásial passava a maior parte do tempo calada, observando, me relacionava com a minoria, adolescentes meus iguais. O teatro na escola passou a ser o meu mundo real, através dos personagens que eu vivia, eu era eu. “*O teatro é a arte de manipular os problemas humanos, apresentando-os e equacionando-os*”.⁵⁷

Aos poucos foi me libertando da timidez e me adaptando a outra realidade, contudo por muito tempo carreguei resquício de outrora.

Após ter sido aprovada no “Exame de Admissão”⁵⁸ fiz o Curso Ginásial hoje corresponde ao Ensino Fundamental II, no Colégio Estadual Duque de Caxias, em seguida o Curso Colegial – Ensino Médio atual – este preparava os alunos para um possível ingresso na faculdade onde os cursos eram divididos por áreas: Área I, ciências exatas (matemática, engenharia e

⁵⁶ RANGEL, Sônia. Olho Desarmado: Objeto Poético e Trajeto Criativo, pg.128. Salvador: Solisluna Desing Editor, 2009.

⁵⁷ REVERBEL, Olga. Para o Teatro na Educação como Conhecimento e Prática. Pg. 02 (1979).

⁵⁸ Exame de Admissão: Provas de seleção para admissão no Curso Ginásial.

arquitetura); Área II, ciências biológicas (medicina, veterinária e odontologia); Área III ciências humanas (direito, filosofia e letras); e Artes plásticas (música, dança e teatro).

O Curso Colegial oferecia as opções direcionadas às áreas em conformidade com a escolha do aluno: Curso Científico (ciências exatas e biológicas), indicado aos interessados em estudar medicina, arquitetura ou engenharia; Curso Clássico (ciências humanas e artes) para os que preferiam direito, psicologia letras ou artes plásticas) e o Curso Técnico (profissionalizante) este habilitava os alunos para ingresso imediato no mercado de trabalho.

Mesmo querendo muito fazer teatro, escolhi o curso Técnico de Contabilidade por uma questão de consciência política, de condição familiar e financeira. Consciente de viver no país em que a grande maioria dos habitantes não sabia escolher seus representantes políticos por isso, com raríssimas exceções, as pessoas que nos representava não eram comprometidas com a moral e a ética, elementos essenciais para o desenvolvimento justo de uma nação e de seu povo, situação persistente porque até hoje não aprenderam votar. Sendo eu a primogênita de uma trupe de sete irmãos necessitava ajudar Meu Pai o único provedor do nosso sustento. Eram tempos difíceis, final dos anos 60 e início da década de 70, em que o Brasil estava sob o regime militar e vivíamos uma ditadura, situação muito parecida a que enfrentamos nos dias atuais, com a ditadura da corrupção política.

Quando a oportunidade de cursar uma faculdade surgiu, ocorreu-me o dever moral e financeiro de escolher o Curso de Bacharelado em Direito, por acreditar ser o caminho certo para fazer justiça. Sou da turma de 1973 do Curso de Direito da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tendo colado grau no tempo regulamentar do curso (cinco anos), em 17 de janeiro de 1978. Profissão que deu meu sustento e da minha família, agora a exerço esporadicamente (atualmente sou oficialmente aposentada), e pela qual sou apaixonada, provavelmente por se assemelhar ao teatro. As semelhanças entre a advocacia e a arte teatral são muitas, algumas delas podem ser percebidas já no vocabulário frequentemente usado nas duas profissões, palavras como: Processo, trama, construção, história, composição, representação, construir, montagem, encenação, cenário, relato; todo caso inicia-se com o relato dos fatos ocorridos, ou seja, a história contada do acontecido; os tramites legais que regulamentam os processos são verdadeiros rituais. Cito como exemplo, o mais conhecido, o Plenário do Júri (Júri popular), regulamentado pelo Direito Processual Penal, que no nosso País serve para sentenciar quem praticou crime contra vida e relacionados. Assim como no teatro em que procedimentos são executados para compor um espetáculo, o tribunal do júri também obedece a normas processuais na sua composição. É composto por juiz togado que

preside a seção, promotor (es), defensor (es), jurados ou conselho de sentença (em número de sete pessoas do povo escolhidas por sorteio, é quem de fato julga o réu), testemunhas, serventuários da justiça (funcionários públicos específicos), oficial de justiça (auxilia o juiz e acompanha os jurados), réu e vítima (esta presente no júri, quando necessário). A sessão acontece no Plenário do Tribunal do Júri (espaço físico onde o cenário é montado), e todos portam trajes apropriados (figurino): Juiz de direito usa toga, magistrado beca, promotor e defensor becas ou capas ao se apresentar para o feito, que se desenvolve seguindo um ritual “jurídico”.

O sonho de fazer teatro permaneceu dentro de me adormecido, sendo despertado definitivamente na maturidade, quando do meu encontro com o GTU aos 59 anos de idade, em que sou Mãe e Avó. E pensar que tudo começou com aquela premissa, as histórias de família contadas pelos meus ancestrais, principalmente Meus Pais: a escolha do meu nome, minha vinda ao mundo, às duas datas de nascimento, as brincadeiras de infância com o teatro na rua, na igreja e na escola.

O meu encontro com o GTU em 2010, me conduziu a uma caminhada de um novo e fascinante recomeço, o começar finalmente a fazer e estudar teatro. A partir daí, paralelo aos processos que participava em 2012 fiz o Curso Técnico em Artes Dramáticas no Colégio Estadual Anísio Teixeira. Nessa ocasião já tinha participado do processo “**Em Nome do Rio**” e “Encantados S.A.”, estava então em “Ao Vosso Ventre”, espetáculos que aconteceram antes do meu ingresso na academia. No decorrer da vida acadêmica participei dos Gtus “Animalismo – A Nova Ordem Mundial” e “Zeca de Uma Cesta Só”.

O GTU foi o meu indutor ao Curso de Licenciatura Plena em Teatro. Estimulada pelos ensinamentos, o conhecer novas pessoas, o convívio com elas e o resultado desse compartilhamento de experiências me levaram buscar mais conhecimento. Auxiliou-me muito na minha formação de professora de teatro, a tomada de consciência no compartilhar aprendizado com os colegas e professores ampliando de forma muito mais reflexiva minha visão crítica da sociedade e da vida. *“a conscientização não pode existir fora da ‘práxis’, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens”*.⁵⁹

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, narro Minha Trajetória de Vida, resgatando da memória o atravessamento, as sensações, as inquietações, as percepções e as emoções

⁵⁹ FREIRE, Paulo. Conscientização – teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire (tradução de Kátia de Mello e Silva). Cortez & Moraes, São Paulo, pg. 15 (1979).

vivenciada no **GTU**, que me perpassou transformando a visão de mim mesma e do mundo. O encontro com o Grupo iniciou a realização do meu sonho de fazer e estudar arte, e foi certamente o embrião fecundado e alimentado por cada processo em que passei no convívio com novas pessoas, o marco da minha experiência de iniciação teatral, com base no conhecimento empírico e sustentação no técnico e teórico que me fizeram acordar esse sonho. “**Em Nome do Rio**” – aqui o primeiro contato com diversas pessoas diversas, aprendendo a fazer teatro numa história fictícia ritualística, espelho do mistério do designo humano de histórias verídicas; “Encantados S. A.” – já com a experiência anterior, a possibilidade de ver e enxergar pessoas iguais a mim e quão diferentes no exprimir emoções verdadeiras num faz de contas da fábula de Pinóquio; “Ao Vosso Ventre” – a história de uma Mãe e seu amor incondicional pelo único filho, à superação dos seus medos e enfrentamento de preconceitos por ele ser homossexual; “Animalismo – A Nova Ordem Mundial” – ao experimentar o paradoxo de ser oprimido e opressor o que me fez refletir político e socialmente através da representação de animais sobre nossa própria existência e “Zeca de Uma Cesta Só” – vivência idêntica a anterior, só que desta vez como animais humanos “racionais”, reflexão sobre nós e nossa condição na sociedade e no mundo em que vivemos.

Traçando a trajetória do **GTU** desde a sua criação, a retomada do projeto em 2009 com nova direção e novo direcionamento, até o momento atual, percebo na dinâmica evolutiva natural do Grupo uma perda no que seria a essência desse Projeto de Extensão – oportunizar os alunos da Escola a experimentar o fazer teatral na direção de um trabalho prático, como novos encenadores e possibilitar as pessoas em geral interessadas em teatro, conhecer e fazer arte com suporte de aprendizagem institucional.

De tempos para cá essa essência vem se perdendo em seus objetivos, o teatro que deveria ser instrumento de transformação e inclusão social das pessoas através de uma nova tomada de consciência do indivíduo, sobre o lugar que este ocupa na sociedade e no mundo, consequentemente melhorar sua qualidade de vida, está se tronando outra coisa. Isso pode constatar ao detectar a falta de entendimento entre os alunos encenadores/dirigentes e consequentemente a não efetivação do projeto, ou seja, não conseguir chegar ao resultado final. O trabalho cooperativo está cedendo lugar à competição e à concorrência entre os participantes dentro do um mesmo processo que estar sendo desenvolvido. O bom entendimento entre todos: Encenadores, elenco, colaboradores, era o meio encontrado para se atingir o objetivo desejado, a apresentação do espetáculo ao espectador. Tenho consciência dos obstáculos encontrados, a falta disponibilização de salas e espaço adequado na escola para

a realização dos ensaios é um deles, que acomete também, a classe acadêmica, contudo, juntos e focados é que encontraremos a solução.

Outro ponto a considerar é o futuro dos grupos oriundos do GTU, trabalhos consolidados e admirados, mas de existência efêmera, devido principalmente à falta de apoio institucional e político para o alcance de sua sustentabilidade, numa cidade que valoriza o artista estrangeiro em detrimento da matéria prima artística local, tenho consciência de quão árdua seria essa missão, mas não impossível. Ao refletir essa situação deslumbro um caminho que pode ser o início de uma solução: A união e organização dos grupos artísticos provenientes da escola e com o efetivo apoio desta.

O curso do Curso de Licenciatura em Teatro, durante a jornada de quatro anos de estudo acadêmicos, me proporcionou e propiciou a formação de aprendizado necessário estabelecendo um link entre o meu saber empírico e os conhecimentos técnico e teórico adquiridos na academia na forma de conhecer, aprender e fazer teatro, na minha construção de artista e na formação da professora de teatro. Além das disciplinas ministradas em sala de aula, os trabalhos de pesquisas e práticas realizados na constituição da aprendizagem, resalto, por exemplo, os Estágios: Observatório, Supervisionado I e Supervisionado II.

No Estágio Observatório, a experiência com crianças e adolescentes do ensino básico no Núcleo Pedagógico Integrado (NPI), serviu como base para o desenvolvimento e realização dos estágios seguintes.

O Estágio Supervisionado I, com os alunos do último ano do Curso Técnico de Ator da ETDUFPA, onde pude vivenciar a criação, construção e realização do Espetáculo “Baden-Baden”, sobre “O Acordo” de Bertolt Brecht, resultado da Disciplina Prática II, ministrada pelos Professores Mestres Paulo Santana⁶⁰ e Marluce Oliveira⁶¹. Ampliar o conhecimento sobre O Teatro Épico e Didático de Brecht, a pesquisa da música cênica lida e a linguagem da apalhaçaria. Estudei e vivenciei a relação entre teatro e aprendizagem e, a influência de Brecht, que exige a eterna busca pelo aprendizado e pela atuação crítica em suas ações artística e ideológica.

⁶⁰ **Paulo Roberto Santana Furtado (Paulo Santana):** Mestre em Artes e Professor da Escola de Teatro e Dança da UFPA, nos cursos Técnicos e Graduação em Teatro e Dança. Exerceu o cargo de Diretor do Teatro Universitário Cláudio Barradas. Coordenador do curso de Licenciatura em Teatro da UFPA/ PARFOR. Ator, Cantor, Diretor Teatral, Professor e Publicitário. Como ator e diretor teatral. Fundador do Grupo de Teatro Palha em 06/09/1980, no qual exerce as funções de diretor e encenador teatral. Possui mais de 30 anos de experiência neste fazer, tendo atuado e dirigido mais de 90 espetáculos nas áreas de Teatro, Música e Dança. Desenvolve atividades de extensão e pesquisa teatral, com ênfase no teatro popular e na linguagem da interpretação teatral.

⁶¹ **Marluce Souza de Oliveira (Marluce Oliveira):** Mestre em Artes pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Pará – PPGARTES - 2013, na linha de pesquisa Trânsitos e Estratégias Epistemológicas em Artes nas Amazônia. Possui graduação em Educação Artística. Licenciatura. Hab. Música pela Universidade Federal do Pará (2005). Atriz formada pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (1997). De 2001 a 2009 foi coordenadora do Projeto Arte Educação do Instituto Universidade Popular-UNIPOP, no momento é professora da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará nos cursos técnicos e graduação. Tem experiência nas áreas de Música, Sonoplastia e Artes Cênicas, com ênfase em teatro e canto, atuando principalmente nos seguintes temas: Direção, Interpretação (atriz), Bailarina, Canto, Voz e Dicção.

O Estágio Supervisionado II, também sob a coordenação do Professor Mestre Paulo Santana e criador do Projeto: Teatro, Memória, Música e Poesia na Melhor Idade (2016), realizado no espaço do Palácio Bolonha, resultou no Espetáculo “Colcha de Retalhos”.

Baseado no conto da Escritora e Poetisa Cora Coralina⁶², *Sou feita de retalhos*⁶³, o espetáculo foi montado a partir das histórias de vida contadas pelas participantes, trazidas à tona no avivamento de suas memórias. Trabalhar com Idosos dentro de um contexto teatral foi mais uma experiência de vida. Vivemos numa sociedade onde o Idoso só é enxergado como “velho” e como consequência disso a velhice é considerada um estado de incapacidade, consequentemente de dependência, um problema para a família e a sociedade. O convívio com a Terceira Idade nesse trabalho, onde nos somos vistos sob uma nova perspectiva, o reconhecimento do nosso valor em decorrência justamente das nossas vivências e experiências, ultrapassou minhas fronteiras de identificação, (na ocasião, eu então com 65 anos de idade), o resgate da dignidade ao tomar consciência da minha capacidade de produzir, repassar conhecimento, aprender e ser feliz, por tudo isso poder me perceber, reconhecer o meu valor, o lugar e espaço que ocupo na família, na sociedade em que vivo e no mundo.

A experiência vivenciada no GTU mais uma vez foi de essencial importância, os conhecimentos adquiridos no Grupo, adicionados ao aprendizado no Curso de Artes Dramáticas e os ensinamentos na Licenciatura em Teatro, facilitaram o entendimento e me deram segurança na execução das atividades que foram desenvolvidos nos estágios e nos trabalhos pedagógicos e artísticos que realizo.

Agora na reta final da graduação ao abraçar esta nova profissão, sinto a dimensão da responsabilidade e o alcance da grandiosidade que é compartilhar conhecimentos. “Os artistas, poetas da vida cotidiana, são algumas dessas pessoas que podem estar, e frequentemente estão conscientes do curso que a existência humana está seguindo”.⁶⁴

A história no ciclo natural da vida se repete nova no velho recontar.

E nesse reconto novo o experimentar de novas emoções. “Olhei para trás, olhei para frente, jamais vi tantas e tão boas coisas de uma só vez”.⁶⁵

⁶² CORALINA, Cora. Pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas. Nasceu na Cidade de Goiás – Goiânia, em 20 de agosto de 1889 e faleceu em 10 de abril de 1985. Foi uma poetisa e contista brasileira. Considerada uma das mais importantes escritoras brasileiras, ela teve seu primeiro livro publicado em junho de 1965 (Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais), quando já tinha quase 76 anos de idade. Mulher simples, doceira de profissão, tendo vivido longe dos grandes centros urbanos, alheia a modismos literários, produziu uma obra poética rica em motivos do cotidiano do interior brasileiro, em particular dos becos e ruas históricas de Goiás.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Cora_Coralina

⁶³ Nota: A autoria do texto tem vindo a ser erroneamente atribuída a Cora Coralina. O texto foi publicado na página de Face book “Uma pitada de encanto - by Cris Pizzimenti”, em 10/06/2013.

<https://www.pensador.com/frase/MTk5NTA1Mg/>

⁶⁴ MATURANA, Humberto. Livro Cognição, Ciência e Vida Cotidiana. Desejos e Responsabilidades, pag. 212, 2014.

⁶⁵ DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert apud NIETZSCHE, pag. 73.

Hoje ao conta-las para meus netos, eles as escutam e entendem na compreensão de criança como uma história nova. Eu as inicio sempre assim:

- Agora vou contar-lhes uma história verídica.

Poder compartilhar aprendizado e conhecimento, agora como futura Professora de Teatro, faz o sonho despertado, realizar-se. *“Acho que quando faço teatro fico mais inteligente e fico melhor ator até para fazer as outras coisas”*.⁶⁶

Portanto, este trabalho são pedaços de mim onde coloco a minha digital, na autenticidade de tudo que escrevo – porque ainda estou escrevendo, me encontro em processo de construção enquanto viver.

Fim.

⁶⁶ **Wagner Moura** – Programa Grande Atores – TV Viva HD.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Manuele; MACAMBYRA, Renata. **Vertentes do português popular do estado da Bahia**: Histórico do Bairro da Liberdade, Salvador-Bahia. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/bairro-liberdade>>. Acesso em: ago. 2017.
- BEZERRA, José Denis de Oliveira. **Memórias cênicas**: Poéticas teatrais na Cidade de Belém (1957-1990). Belém: IAP, pg. 88, 2013.
- BLANCHOT, M. **O Livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, págs. 13, 19 e 55, 2005.
- BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- CAVASSIN, Juliana. **Perspectiva para o teatro na educação com conhecimento e prática**. **Revista Científica**, nº 03, p. 48, 2008. Disponível em: <www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/RevistaCientifica3/08_Juliana_Cavassin.pdf>
- DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. **Devires Autobiográfico**: A Atualidade da Escrita de Si. Rio de Janeiro: NAU/Editora PUC Rio, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**: Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Tradução de Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, pg. 15, 1979.
- LINKEDIN, Slideshare. **Bahia antiga**: Largo da Lapinha, início da Estrada da Liberdade, década de 30, século XX. Publicada em 22 de nov. de 2008. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/hsjval/bahia-antiga-presentation>. Acesso em: ago. 2017.
- MARQUES, Luciana Pacheco. **Cotidiano escolar e diferenças** – A comunhão com as diferenças. **Educ. Foco**, Juiz de Fora, v. 17, nº 1, p. 101-117, mar. / jun. 2012. Disponível em: <www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/10/Cotidiano-escolar-e-diferencas.pdf>
- MATURANA, R. Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Organização e tradução Cristina Magro e Victor Paredes. 2º Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Olho e o Espírito**. São Paulo: Cosac Naify, 1960.
- RANGEL, Sônia. **Olho Desarmado – Pensamento em Configurações**. Salvador: Solisluna, 2009.
- REVERBEL, Olga. **O Teatro na Sala de Aula**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.
- RIZZO, Geraldo Nunes Vieira. **Ator e Estranhamento**: Brecht e Stanislavski, segundo Kusnet. 2ª Edição. São Paulo: Editora SENAC, 2004.
- ROSA, Guimarães. A Terceira Margem do Rio. In: **Primeiras Estórias** – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, pg. 32, 1988. Disponível em: releituras.com/guimarosa_margem.asp.
- SHAKESPEARE, William. Biografia. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/william_shakespeare/>

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais**: O fichário de Viola Spolin. 2ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, pg. 92, 2006.

VENTURA, Ronaldo. **Inteligência cênica**: Definição. Disponível em:
<<http://projetopotencia.org/inteligencias-cenicas/>>